

"VOCÊ TERÁ QUE RECOLHER AS NOTAS DE POSTO DE GASOLINA, PADARIA, AÇOUGUE DE SUPERMERCADO PARA FAZER ESSE CONTROLE E, DISCIPLINADAMENTE, SENTAR-SE NA FRENTE DE UM COMPUTADOR, OU MESMO FAZER COM O PAPEL E CANETA."

PROGRAMA DE EXTENSÃO DA FURB AUXILIA NA EDUCAÇÃO FINANCEIRA
PÁGINAS 10 E 11

"ALGUNS AINDA ALIMENTAM A FORMA ROMANCEADA DO JORNALISTA ISENTO, QUE NÃO SE ENVOLVE COM NADA PARA PODER CONTAR UMA HISTÓRIA DE UM PONTO DE VISTA DITO NEUTRO, SEM SE 'CONTAMINAR' COM IMPRESSÕES OU VIESES."

OSIRIS DUARTE - JORNALISTA SOBRE PAPÉIS E PAPEIS
PÁGINA 13

"MAS O PASSIVO TRABALHISTA NÃO É A ÚNICA BOMBA DE EFEITO RETARDADO QUE PODE EXPLODIR NO COLO DOS SERVIDORES E ESTUDANTES. TALVEZ A MAIOR E MAIS PERIGOSA SEJA A BOMBA PREVIDENCIÁRIA. OS R\$ 30 MILHÕES SÃO UM CADÁVER (...)"

MARCOS MATTEDI - DR. EM SOCIOLOGIA LADO B - O CADÁVER QUE NOS SORRI
PÁGINA 16

DIVULGAÇÃO



CULTURA EM CENA

29ª edição do FITUB é marcada pela despedida de Pita Belli depois de 15 anos na coordenação. Veja a entrevista inédita concedida pela professora do Departamento de Artes da FURB ao *Expressão Universitária*. E saiba mais informações sobre o Festival e a saída de Pita.

PÁGINAS 8 E 9

EFEITO BORBOLETA

Todo ser humano é uma contradição. Alguns disfarçam melhor que outros. O referendo do qual o Reino Unido definiu sua saída da União Europeia (UE), que ficou conhecido como Brexit, no dia 24 de junho último, acionou um dispositivo previsto no artigo 50 do Tratado de Lisboa (2009) que pela primeira vez foi utilizado por um dos seus países membros – uma consulta pública pelo voto de “sair” ou de “permanecer”. Uma decisão de alta complexidade em um bloco para o qual o país se integrou, em 1973. Isso vai mudar a vida de todos os cidadãos profundamente e, provavelmente, provocar a divisão do Reino cada vez mais desunido com a provável saída da Escócia, em um 2º. referendo já programado. O Reino Unido sempre foi o mais reticente em relação à ampliação da União Europeia, tendo entrado tardiamente no grupo, quase depois de 20 anos a partir de sua criação em 1945. A decisão que não teve muita atenção no Brasil, além dos comentários de especialistas, abarca muitas questões de interesse. Em primeiro lugar, cresce com maior força o movimento anti-globalização e um maior protecionismo justamente em países que, como o Reino Unido e EUA, sempre foram os maiores propulsores das ideias de livre comércio, aliás todas as ideias de grande parte dos movimentos sociais e outros globalizantes são gestadas nos centros europeus e nos EUAs, pouca coisa por aqui é muito genuína. Em segundo lugar, os erros de percepção e de avaliação de analistas que até a véspera indicavam a não saída do Reino Unido da UE ou meses antes ignoravam também a ascensão de Donald Trump nas próximas eleições americanas. A candidatura quixotista do representante dos Republicanos cresceu e está pareada com a candidata dos Democratas. Em terceiro lugar, o “racha” na divisão mais profunda dos partidos políticos tradicionais, o partido Conservador e o partido Trabalhista, e o rápido crescimento de partidos de extrema direita nacionalista, como a UKIP e também os de extrema esquerda todos favoráveis à saída da União, mas por razões diferentes. A decisão pela “saída” contamina boa parte do resto da Europa que querem um referendo também – os mais suscetíveis são a Holanda, Dinamarca e Suécia, mas outros também não estão alheios. A insatisfação cresce na Espanha que, em 2004, tinha 80% da população favorável à União Europeia, mas que em 2016 restavam apenas 38%. São os reflexos da crise de 2008 contida por muito crédito anabolizante e aumento das dívidas. Os nacionalistas de direita da Frente Nacional de Marine Le Penn na França crescem com os mesmos argumentos e comemoram a decisão dos britânicos.

O gráfico dessa página indica em resumo o fator central de muito desse descontentamento manifestado por razões múltiplas - a perda da participação cumulativa do PIB mundial entre países desenvolvidos e países emergentes. Essa fatia promissora para os emergentes significou os maiores progressos nos padrões de vida, mas contrasta com a estagnação das economias desenvolvidas, que, de forma geral, divide mal os ganhos obtidos da globalização. O mundo produtivo se transformou mais rapida-

mente do que as relações humanas podem acompanhar. O dinheiro pode ser muito essencial para a felicidade, mais do que o amor romântico, e quando aquele deixa de fluir ou flui por canais exclusivos, transbordam as insatisfações. Os “perdedores” da globalização são os que perdem também o welfare-state. Os que dizem sim para saída da UE foram motivados pela nostalgia dos “bons tempos” e por problemas de adaptação nessas novas relações, são como as estatísticas que identificaram os mais velhos, os menos instruídos e as pessoas do interior que constroem laços de identidade rompidos com o fluxo de imigrantes que têm livre circulação da UE. Esse foi um dos pontos mais explorados pelos que eram favoráveis à saída. Em Londres, um terço da população residente são de imigrantes, que trabalham, estudam e são contribuintes e usuários de serviços públicos, sua presença é normal para uma capital já cosmopolita. Os abalos acontecem em pequenas comunidade que perdem noção de identidade, bem como os imigrantes não se veem integrados nesses espaços. Demanda por escola, saúde, e serviços públicos deram uma noção de queda no atendimento em função dos cortes orçamentários recentes. “A culpa” é sempre de alguma outra pessoa, que fala diferente, se veste diferente, pensa diferente, professa outra fé ou fé nenhuma. Culpar os outros sempre foi uma estratégia poderosa e aproveitada por políticas populistas. Sempre que a economia vai mal tendemos a culpar mais os imigrantes. E o Parlamento Europeu de Bruxelas parece estar distante dessa realidade. Há um profundo descrédito com os representantes europeus. Clama-se por mais soberania e independência, utilizadas largamente como palavras de ordem nas campanhas.

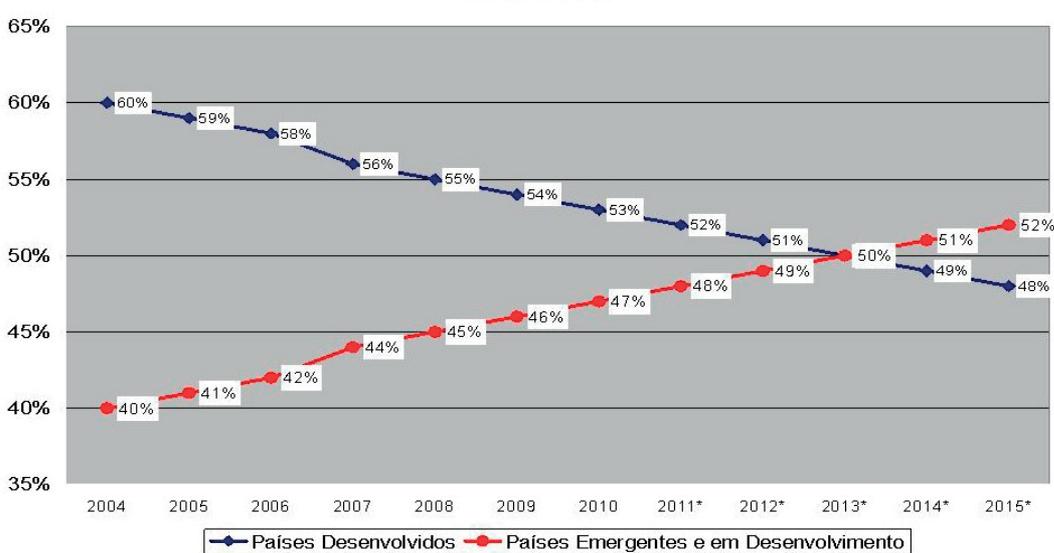
Mas os problemas se resumem a isso? Não, foram só um aspecto, o problema é que cada “perdedor” nota sua perda pela capacidade de compreender e ser convencido sobre o que mais lhe afeta. A capacidade de minúsculas mudanças produzirem efeitos que se avolumam em taxa exponencial é hoje conhecida como “efeito borboleta”. A regra do efeito borboleta diz simplesmente que o comportamento dos sistemas complexos, com uma quantidade de variáveis mutuamente independentes, é e continuará a ser, para resumir, imprevisível. Não só imprevisível para nós, pela nossa ignorância, negligência ou estupidez, mas pela própria natureza dos sistemas.

Como o mundo em que vivemos é um sistema de complexidade além da imaginação, seu futuro é um grande desconhecido, e irá continuar fatalmente assim, o que quer que a gente faça. Previsões só podem ser adivinhações, e confiar nelas é assumir um enorme risco. O futuro é imprevisível porque, pura e simplesmente, ele é indeterminado. A qualquer momento, há mais de uma rota possível para o curso futuro dos acontecimentos. Os britânicos, aos sabor dos movimentos populistas, tiveram que decidir dentro de um sistema complexo na avaliação do custo benefício, além de sua capacidade de entender todas as suas consequências. Mas puderam externar seus anseios nessa campanha, os reais e os fabricados. Cômico é verificar como os especialistas avaliam os efeitos pós-Brexit sobre o PIB; a London Business School apresentou uma avaliação com uma redução de até 8 pontos percentuais para os próximos anos, enquanto os economistas pró-Brexit, um crescimento de 4 pontos, ou seja, uma diferença de 12 pontos entre os mais pessimistas e os mais otimistas. Com esse desvio padrão é de se concluir que as diversas correntes estão contando com premissas e modelos completamente distintos e ninguém tem certeza o que vai acontecer.

A incerteza cresceu dias após a votação. Muitos eleitores britânicos começaram a sentir um grau de “remorso do comprador”, como o hipotético torna-se real. A libra desvalorizou-se no nível mais baixo em 31 anos, o valor dos títulos de dívida em moeda local e ações despencaram e decisões sobre investimentos foram adiadas. Errados estão quando apenas consideram o prazo de dois anos para efetivar todas as mudanças da saída, desconsideram as expectativas que já começam no dia seguinte e as decisões dos negócios com investimentos que mudam de lugar, dada a incerteza do que vai acontecer. Isso causa reflexos sobre a opinião pública e sobre a decisão em si.

O Brasil é pego de surpresa atrasado querendo ampliar o comércio internacional e fazer mais acordos em um momento que os discursos se invertem do outro lado. Já se pensava por um momento que estaríamos entrando logo para o clube dos ricos construindo nosso próprio welfare-state, mas o “santo era de barro”. Acrescenta-se uma coisa em comum entre nós, com a velha Europa nessa contemporaneidade - um sentimento de descrédito nas instituições e dúvidas de representatividade política.

Participação dos Países Emergentes no PIB Mundial



Fonte: FMI. *: Previsão.

PARTICIPE DO EXPRESSÃO! Envie textos, opiniões, fotografias, charges... Entre em contato pelo email ou nos telefones abaixo!

DIRETORIA SINSEPEs | 2014/2017

Presidente: Ralf Marcos Ehmke (CCSA); **Vice-presidente:** Luiz Donizete Mafra (DAC), **Secretária geral:** Laurete Maria Ebel Coletti (CCS), **1ª Secretária:** Marian Natalie Meisen (CCT), **Tesoureiro:** Nazareno Schmoeller (CCSA), **1º Tesoureiro:** Valcir de Amorim (DAF), **Diretora de Cultura e Cuidados com a Saúde:** -, **Diretor de Imprensa e Comunicação:** Carlos Alberto Silva da Silva (CCHC), **Diretora de Assuntos Jurídicos:** -, **Diretora de Formação e Relação Sindical:** Nevoni Goretti Damo (CCS)

CONSELHO FISCAL

Efetivos: Edemar Valério Mafra (NRTV), Leandro Junkes (Biotério Central) e Jorge Gustavo Barbosa de Oliveira (CCHC)
Suplentes: Márcio C. de Souza Rastelli (CCS), Sélézio Rodrigues (DAC) e Wanderley Renato Ortunio (Etevi)

Projeto gráfico: Ana Lucia Dal Pizzol

Tiragem: 2.000 cópias. Gráfica: Grafnorte S/A (Apucarana, PR) - (41) 3598.1113 ou (41) 9926.1113

Jornalista responsável: Marcela Cornelli - MTB 00921/SC JP

As matérias assinadas são de responsabilidade dos seus autores.

Contato

Expressão Universitária é uma publicação do SINSEPEs (Sindicato dos Servidores Públicos do Ensino Superior de Blumenau)

Endereço: Campus I da FURB - Rua Antônio da Veiga, anexo à cantina central - Victor Konder - Blumenau - SC - CEP 89012-900

Telefone: 47 3321-0400 | 47 3340-1477

E-mail: sinsepes@sinsepes.org.br

Página: www.sinsepes.org.br





INTERNAS

FURB CANCELA OFERTA DE PRIMEIRAS FASES EM 15 CURSOS

A FURB divulgou no mês de julho que, por terem o número de inscritos inferior ao número de vagas fixadas, 15 cursos de graduação sofreram o cancelamento da abertura de primeira fase na universidade, neste segundo semestre. No entanto, a decisão ocorreu um mês antes do prazo destinado ao fim das matrículas para calouros (vestibular/histórico escolar/enem), previstas no calendário acadêmico até o dia 12 de agosto. Coordenadores de cursos afetados questionam a decisão da universidade. Em pleno período de matrículas para calouros, durante as duas primeiras semanas de julho, não havia nenhuma informação no site da instituição para as matrículas de calouros, apenas um lembrete para veteranos. Os cursos com turmas canceladas no período matutino foram: Administração, Educação Física (bacharelado e licenciatura), Engenharia de Telecomunicações, Engenharia Elétrica, Farmácia, Jornalismo. E no período noturno: Design, Engenharia de Telecomunicações, Moda, Química (bacharelado e licenciatura), Tecnologia em Comércio Exterior, Ciências Econômicas, Engenharia de Alimentos, Engenharia Florestal e Sistemas de Informação. Não está descartada a hipótese de outros cancelamentos, dependendo da demanda. "A universidade também precisa olhar seu equilíbrio financeiro. Mas o que chama a atenção neste semestre é o número de cursos cancelados", alerta a Chefe da Divisão de Registros Acadêmicos (DRA), Iara Cristina Thewis. A decisão foi tomada pela Pró-Reitoria de Ensino de Graduação, Ensino Médio e Profissionalizante da FURB, por meio de seu pró-reitor, prof. dr. Mauro Scharf. "Não sabemos o que aconteceu. Quando estávamos avaliando com o Centro Acadêmico como proceder, afinal temos um mês pela frente, veio a decisão de cancelar a turma, em desrespeito aos interessados. É chocante! Erro gravíssimo de Comunicação e Marketing. Inaceitável para qualquer perspectiva de gestão", desabafou a professora de curso atingido pela medida, em 14 de julho.

TBT É TEMA DE EXPOSIÇÃO NA FURB

Até o dia 23 de julho quem for à Biblioteca Central da FURB poderá conhecer mais sobre os 11 anos de história do movimento TBT – Temporada Blumenauense de Teatro. Registros de espetáculos apresentados ao longo deste período. As apresentações acontecem mensalmente na Fundação Cultural de Blumenau desde o ano de 2005. Nestes 11 anos de história, a FURB contribuiu, através de seu Curso de Teatro, formações oferecidas e dos Festivais Internacionais de Teatro Universitário, com a organização e fortalecimento do movimento cultural dos grupos, artistas e produtores teatrais de Blumenau, que cresce a cada ano. A mostra pode ser vista de segunda a sexta, das 7h30 às 22h e Sábados, das 8h às 17h.

TRABALHOS AINDA PODEM SER INSCRITOS NA 10ª MIPE

A 10ª Mostra Integrada de Ensino, Pesquisa, Extensão e Cultura (MIPE), teve parte de suas inscrições encerradas no dia 30 de junho, no entanto, alguns trabalhos ainda devem ser inscritos: Na modalidade Ensino, deve inscrever-se a categoria Feira de Matemática (trabalhos destaques da XXXII Feira Regional de Matemática), nos dias 05 e 06/09/16; na modalidade Pesquisa, as categorias a serem inscritas são PIBIC/FURB (2015/2016), PIBIC/CNPq (2015/2016), PIBITI/CNPq (2015/2016) e PIBIC-EM (2015/2016), todos do dia 01/06 até 27/07/16. As inscrições sem envio de trabalho, categoria docente ou discente (FURB e outras Instituições), será do dia 01/06 até 01/09/16. E as inscrições nas atividades técnico-científicas ou artístico-culturais, categoria Docente ou discente (FURB e outras Instituições), será do dia 15/08 até 09/09/16. Todos isentos da taxa de inscrição. O evento, realizado pela Fundação Universidade Regional de Blumenau (FURB), por meio da Pró-Reitoria de Pesquisa, Pós-Graduação, Extensão e Cultura (PROPEX) em conjunto com a Pró-Reitoria de Ensino de Graduação, Ensino Médio e Profissionalizante (PROEN), ocorre nos dias 28, 29 e 30 de setembro de 2016, no Campus 1 da FURB. Para mais informações acesse o site furb.br/mipe ou pelo telefone 3321-0462.

QUARTA OFICINA DE LEITURA TRAZ ARTE E FILOSOFIA

No dia 18 de julho ocorre a quarta edição da Oficina de Leitura, às 19h, na Biblioteca Central, Campus I da FURB. O texto a ser apresentado é do escritor Paul Veyne: "Condutas sem crença e obras de arte sem espectador", publicado originalmente na Diogenes Revue Internationale des Sciences Humaines n. 143, em 1988. A mediadora convidada é Andréia Peres, artista visual, curadora e produtora gráfica.

No texto, o autor aborda a importância do valor iconográfico na obra de arte, e de crença - na economia ou na sociedade - do indivíduo. A crença como iconografia são criações objetivas da cultura assimilada em sua totalidade pelos indivíduos que estão condenados à mediocridade e inconsistência diária. Paul Veyne (Aix-en-Provence - França, 13 de junho de 1930) é um arqueólogo e historiador francês, importante intérprete da obra de Foucault, com quem mantinha amizade.

FIQUE ATENTO À PROGRAMAÇÃO DO CINESESC NA FURB

As sessões de filmes dos CineSESC de julho começam no dia 20 com o filme "O Segredo de Eleanor", uma animação francesa de 2009, dirigida por Dominique Monfery. Será no Espaço de Cinema e Vídeo, no 3º andar da Biblioteca Universitária. No dia 27 de julho acontece, no mesmo local, a exibição de "O Estranho". O longa de 1946 é dirigido por Orson Welles. As sessões ocorrem às 12h30 e 19h. Para mais informações Divisão de Cultura FURB Campus I - Sala L-107 (47) 3321-0937 / 3321-0399 cultura@furb.br, [facebook.com/CulturaFURB](https://www.facebook.com/CulturaFURB).



Orson Welles, em O Estranho, filme de 1946

ABERTAS INSCRIÇÕES PARA BENEFÍCIO "MELHOR DESEMPENHO ENADE"

As inscrições para a concessão do benefício "Melhor Desempenho Enade" acontecem até o dia 30 de julho, na Sala A-207, Campus 1, da FURB, no horário das 9h às 12h e das 14h às 17h. Os alunos com o melhor desempenho no Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes – ENADE/2014 poderão se inscrever e garantir gratuidade em cursos de Pós-Graduação Stricto Sensu, em nível de Mestrado, ofertado pela FURB. Para acessar os editais: www.furb.br/web/1313/institucional/editais/enade-beneficio-melhor-desempenho/37

PESQUISA TRAÇA PERFIL DOS DETENTOS DO PRESÍDIO REGIONAL DE BLUMENAU

Uma pesquisa traçou o perfil dos detentos do Presídio Regional de Blumenau. A maioria deles tinha baixa escolaridade e até 29 anos quando os dados foram coletados, em novembro de 2015. Na época, o local abrigava 898 detentos. O resultado do levantamento foi divulgado final do mês de junho pelo estudante de Direito João Pedro Sano, responsável pela pesquisa da FURB, sob orientação da professora Lenice Kelner. O estudo apontou que 468 dos presos tem até 29 anos. Apesar de jovens, a maioria não completou o ensino fundamental: nove são analfabetos, quatro semianalfabetos, 33 alfabetizados e 444 que tem ensino fundamental incompleto.

RELAÇÕES ENTRE FEMINISMO E ESPECISMO

Você já parou para pensar na relação entre o veganismo e o feminismo?

Há uma mesma lógica de dominação, subjugação e exploração por trás das duas práticas

POR GEORGIA FAUST

Estudante do Mestrado em Desenvolvimento Regional da FURB e líder do Coletivo Feminista Casa da Mãe Joana, de Blumenau <geo.faust@gmail.com>

O que o veganismo tem a ver com o feminismo? Simples. Os animais não-humanos são oprimidos pelos humanos. A mesma lógica de dominação, subjugação e exploração é usada para que homens oprimam mulheres.

Especismo é o ponto de vista de que uma espécie, no caso a humana, tem todo o direito de explorar, escravizar e matar as demais espécies por serem elas inferiores. É a atribuição de valores ou direitos diferentes a seres dependendo da sua afiliação a determinada espécie. Envolve atribuir a animais sencientes diferentes valores e direitos baseados na sua espécie, nomeadamente quanto ao direito de propriedade ou posse.

O especista acredita que a vida de um membro da espécie humana, pelo simples fato de o indivíduo pertencer à espécie humana, tem mais peso e mais importância do que a vida de qualquer outro ser. Os fatores biológicos que determinam a linha divisória de nossa espécie teriam um valor moral – nossa vida valeria “mais” que a de qualquer outra espécie.

A consequência do especismo é a consideração dos animais não-humanos como meras propriedades do homem, que pode dispor deles a seu desejo, desde mantendo-os fechados em uma jaula até torturando-os para satisfazer a curiosidade, ou privando-os de sua vida para satisfazer o paladar, para vestir-se com sua peles ou por diversão.

Patriarcado é um sistema social, político e econômico, no qual os homens controlam, individual e coletivamente, o trabalho, o corpo e a sexualidade das mulheres. São valores, regras e normas políticas que se baseiam na suposição de que existe uma superioridade natural dos homens como seres humanos. Este sistema consagra o poder masculino, engendra violências e exclusões e imprime ao capitalismo atual um viés extremamente sexista. Assim, capitalismo e patriarcado se alimentam reciprocamente e se fortalecem mutuamente para manter a grande maioria das mulheres em uma situação de inferioridade cultural, desvalorização social, desigualdade econômica, invisibilidade de sua existência e de seu trabalho, mercantilização de seus corpos.

Há uma estreita relação entre a violência, seja física ou psicológica, exercida contra as mulheres e a matança em série de animais. Esse processo acontece da mesma forma para todas as espécies: é desencadeado pelo imaginário social que naturaliza as práticas de dominação, de reprodução e de manutenção da sociedade patriarcal. Além disso, o hábito de comer a carne de animais não-humanos está ligado ao poder aquisitivo, portanto, é um fator de distinção social, como, também, representativo da virilidade masculina como identidade desejável.

A situação das fêmeas não-humanas é ainda pior pois são exploradas duas vezes: primeiro por seus “produtos” (leite e ovos) e depois por sua carne. Há vários paralelos entre machismo e especismo: mulheres e animais são considerados inferiores e assim são objetificados, violentados e usados para servir e agradar aos homens, estes que estão no topo da sociedade misógina e especista.

A cultura patriarcal cria uma ideia de sexo vocacionada para a reprodução. A mulher é pintada como um ser irracional movido por uma ultra-sensualidade, desprovida de agência. O único indivíduo colocado como capaz de conceber o sexo “correto” é o homem, que, consequentemente, é visto, muitas vezes, como possuidor do monopólio do consentimento. Como consequência disso temos a culpabilização das vítimas, fenômeno que acontece constantemente em casos de estupro e violência.

O que acontece na domesticação de animais não é muito diferente. A reprodução da maioria dos não-humanos do planeta é, direcionada para o consumo. O controle da vida sexual dos animais é completo e absoluto. Aos animais não é concedida a agência de ter desejo próprio e muito menos expressar consentimento. Suas vontades individuais não são levadas em consideração quando seus corpos são condicionados a um ideal restrito de reprodução imposta por uma cultura capitalista.

Ou seja, os não-humanos, assim como as mulheres, não são livres para expressar seus desejos mas sim têm sua existência voltada para serem objetos de desejo.

E não somente as mulheres. Seguindo essa linha de raciocínio, percebemos que mulheres, crianças, negras e negros, segmentos das classes populares são destituídos do “poder” da carne. Esse hábito revela o quanto a cultura patriarcal é formada pela hierarquização. Não a toa, o consumo de carne é um dos grandes marcadores de masculinidade, como podemos ver com ainda mais clareza quando falamos sobre a cultura portenha do churrasco..

“Assim, como símbolo da identidade nacional argentina, o churrasco privilegia uma região sobre o resto. Também privilegia homens em relação às mulheres. (...) Seis noites por semana, as mulhe-

res são responsáveis por servir jantares frequentemente elaborados, mas é o churrasco do domingo a tarde - a única refeição tipicamente feita por um homem - que representa a nação argentina, tanto lá como no exterior.” (TOBIN, 1999, p. 308)

O consumo da carne é para os animais o que o racismo dos brancos é para os negros; o que o antissemitismo é para o povo judeu; o que a homofobia é para os gays e as lésbicas, e a misoginia é para as mulheres. Todos estes são oprimidos por uma cultura que não quer assimilá-los plenamente em seus termos e com seus direitos.

A escritora Carol Adams constrói a desnaturalização dessa prática mediante o conceito de referente ausente. A linguagem é o ponto fundamental dessa teoria, já que ela é quem mascara o sentido literal da carne: um animal morto. Subtrai-se a imagem que o bife, o hambúrguer, o bacon, ou a salsicha, é o fragmento de um corpo, que antes vivia e se apresentava na forma total. Para tanto, substituem-se os nomes dos animais por nomes de carnes, tornando-os objetos. A ideia que está subjacente, quando um animal é esquartejado, retalhado e fragmentado é a perda da dimensão da totalidade, camuflando-se o sig-

“

É muito comum que mulheres ao entrar no movimento feminista encontrem muitas outras mulheres que já sejam vegetarianas ou veganas. E o fato é que realmente as duas lutas andam de mãos dadas. O vegetarianismo é uma prática esclarecedora sobre as experiências femininas. A postura vegetariana inclusive foi uma das formas de resistir à dominação masculina.

nificado literal da carne.

É muito comum que mulheres ao entrar no movimento feminista encontrem muitas outras mulheres que já sejam vegetarianas ou veganas. E o fato é que realmente as duas lutas andam de mãos dadas. O vegetarianismo é uma prática esclarecedora sobre as experiências femininas. A postura vegetariana inclusive foi uma das formas de resistir à dominação masculina. As mulheres do século 19 e da primeira metade do século 20, quando optavam pelo vegetarianismo, difundido pela teoria médica com ampla circulação entre as feministas do período acreditavam que, evitando a carne, iriam tornar-se emancipadas. O vegetarianismo as libertava da exaustiva tarefa de cozinhar cadáveres de animais, prevenia doenças e, quando expandido para toda a família, acreditava-se que controlava a pulsão sexual dos homens.

Em outros casos, em que as mulheres eram destituídas do poder da fala, a negação da carne pode ser lida como linguagem codificada que manifestava suas críticas ao mundo patriarcal. Essas mulheres expressavam-se mediante a escolha dos alimentos.

Mesmo para o feminismo atual, a escolha por uma alimentação vegetariana tem muito a nos dizer. A dieta sem carne implica uma série de questionamentos como, por exemplo, o fato de estar bem informada sobre a comida que se consome, a necessidade de se buscar novas alternativas para o preparo de uma refeição vegana; e a própria explicação dos motivos pelos quais se excluem a carne da alimentação e de todos os produtos derivados de animais - o couro, as outras peles e mel. Nesse sentido, "Se eu como um hambúrguer vegetariano em vez do hambúrguer normal, essa opção diz algo sobre mim como ator histórico" (ADAMS, 2012).

"Mulheres e animais partilham, em níveis diferentes, de situações análogas. Sofrem com a reclusão em ambientes domésticos controlados, com a masculinidade que se afirma através da agressão e de comportamentos predatórios, com a lógica da caça, na qual o representado como mais forte tem o "direito natural" de oprimir o mais fraco; com o essencialismo, que prega que as diferenças fisiológicas entre indivíduos os define e distribui hierarquicamente no mundo como dominantes e dominados. Todos estes elementos povoam, indubitavelmente, a opressão social de gênero e de espécie e, talvez, possuam o poder de indicar uma nova reflexão para o feminismo." (KIRJNER, Daniel, 2013)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADAMS, Carol J. A Política Sexual da Carne: A relação entre o carnivorismo e a dominância masculina. Tradução: Cristina Cupertino. São Paulo: Alaúde Editorial, 2012.

KIRJNER, Daniel. Feminismo e Veganismo. Mas o que é que isso tem a ver? Disponível em <<http://cama-leao.org/artigos/feminismo-e-veganismo-mas-o-que-e-que-isso-tem-a-ver/>> Acesso em: 20/05/2016

SINGER, Peter. Libertação Animal. Tradução: Marly Winckler. São Paulo: Lugano, 2004.

TOBIN, Jeffrey. A performance da masculinidade portenha no churrasco. Cadernos Pagu (12) 1999: pp. 301-329.

HISTÓRIAS DA MINHA AVÓ

POR URDA ALICE KLUEGER

Escritora, historiadora e doutora em Geografia pela UFPR <urdaaliceklueger@gmail.com>

Minha avó não tinha dentes. Eu passei a conviver diariamente com ela quando ela tinha se tornado irremediavelmente velha, aos sessenta anos, e ela me fascinava por ser um poço sem fundo de histórias para contar, e também pelo fato de não ter dentes.

Minha avó ensinou-me coisas estranhas. Por exemplo, no começo do verão, naquelas maravilhosas tardes de começo de verão em que os pepinos estavam começando a formar os frutos no nosso quintal, minha avó fazia coisa estranhíssima: colhia um pequeno pepino ainda em formação, tenro pepino de casca verde, e sentava-se à sombra, numa grande pedra que havia no nosso jardim. Com uma faca afiada, ela ia cortando o pepino em finas fatias translúcidas, com casca e tudo, e punha-se a mascá-las. É claro que eu não arredava do pé dela, totalmente fascinada por aquela pessoa estranha que comia pepino sem sal e sem vinagre, e COM CASCA!, e podia ficar por horas acorada perto dela, a espiar como suas gengivas sem dentes mascavam as finas fatias do pepino, que ela saboreava com tanto prazer. É claro, também, que em pouco tempo eu também comia pepino do mesmo jeito que ela, e aquele é um gosto que ainda hoje tenho na boca, de tão bom que era!

Nas amenas tardes do começo do calor, minha avó, além de me dar o espetáculo das suas gengivas desdentadas trabalhando, me deu o incomensurável presente das suas histórias.

Ela chegara ao Brasil prestes a fazer sete anos, oriunda da Lituânia, que a gente não sabia bem onde era e ela dizia que era na Rússia. Hoje sei muito bem que a Lituânia é, de novo, um país soberano, depois da dissolução da União Soviética, mas, naqueles idos de 1960, a Lituânia era apenas um lugar nebuloso na minha Geografia pitoca, que, de certo, só existia nas histórias da minha avó.

Ela se lembrava muito bem de como as coisas eram lá, e aquilo era muito mais empolgante do que qualquer livro com histórias de fadas, ainda mais contado por ela, a comer pepino com casca com as suas gengivas vazias.

Do que ela se lembrava? Do inverno, com certeza a coisa mais marcante que guardara da sua primeira pátria. No inverno, andava-se de trenó por cima de, muito

gelo e, se se jogasse para cima um punhado de água com a mão, a água caía transformada em pedrinhas de gelo. Eu a ouvia contar totalmente fascinada; daria qualquer coisa para conhecer um lugar assim, onde eu poderia produzir o meu próprio granizo o inverno inteiro, e não ter de esperar pelos raros granizos que já vira na minha terra de Blumenau.

Nem tudo tinha sido fascinação nos invernos de gente pobre da Lituânia no final do século passado, claro que não. A família da minha avó morava em casa exígua, que tinha como peça e/ou objeto principal o que ela chama de forno. Considerando que ela nunca aprendeu corretamente o português, eu creio que com "forno", ela queria dizer lareira. Era em torno desse "forno" que a vida da família decorria no inverno. Dormia-se em torno dele; degelavam-se diante dele os repolhos e as batatas das parcas refeições, repolhos e batatas contados e recontados, para que durassem até o final do inverno, sempre mais escassos conforme a estação se adiantava.

E no forno, pensam que havia farta lenha para as chamas crepitantes? Nada disso, a lenha era racionada, o governo lituano só permitia que cada família cortasse pequeno trecho da floresta por ano, insuficiente para o calor na época das grandes neves. Era mister secar todo o esterco do gado e armazená-lo, para queimar quando a lenha acabasse.

O mais incrível de tudo o que a minha avó contava, porém, era sobre as visitas. Se se fizesse ou recebesse visita, ficava implícito que os visitantes trariam sua própria comida, já que o anfitrião não tinha o que oferecer à uma boca a mais. Seria isto possível, em algum lugar no mundo? Esse fato ficava além da minha imaginação de menina criada em terra de fartura, e para exorcizá-lo, eu ia correndo buscar grossas fatias de pão de casa com manteiga e mussi de banana, o quitute preferido da minha infância. Enquanto eu mastigava o meu pão com mussi, minha avó, placidamente continuava mascando suas finas fatias de pepino novo, a olhar, lá atrás dos morros, o Sol que se escondia.

Minha avó não tinha dentes. Mas como ela sabia contar histórias!



CORTE DA FIGUEIRA: QUE CIDADE É ESSA?

A disputa de forças entre justiça, poder público municipal e comunidade culminou com o corte da árvore, que se tornou símbolo da luta pelo modelo de cidade que se quer para Blumenau

As manifestações e protestos de moradores não foram suficientes para garantir a permanência da figueira, no Bairro Victor Konder. Na disputa de forças entre justiça, poder público municipal e comunidade, o bom senso foi derrotado em julho com o corte da árvore, que estava na Rua Heinrich Hosang, em frente ao edifício Porto Real.

Um Termo de Ajustamento de Conduta (TAC), firmado entre Ministério Público, a construtora Torresani, o condomínio e a prefeitura de Blumenau, determinou que a árvore fosse cortada para permitir a circulação de pedestres e cadeirantes.

Oficialmente, a prefeitura se manifestou sobre o TAC em nota, da seguinte forma:

“Em relação ao corte da árvore localizada na Rua Heirinch Hosang, no bairro Victor Konder, a Prefeitura de Blumenau, por meio da Fundação Municipal do Meio Ambiente (Faema), esclarece que se trata de um Termo de Ajustamento de Conduta (TAC) expedido pelo Ministério Público do Estado de Santa Catarina. A decisão partiu da 5ª Promotoria de Justiça da Comarca de Blumenau, pela promotora Monika Pabst.

O TAC foi encaminhado para o condomínio no dia 13 de abril, que repassou a demanda para a construtora responsável. Diante da exigência do Ministério Público, a Faema autorizou a remoção da árvore na última terça-feira, dia 3, que será feita pela construtora. O presidente da Fundação, Fernando Leite, esclarece que a decisão não partiu da Faema e a realização da retirada da árvore também não é de responsabi-

lidade da entidade.

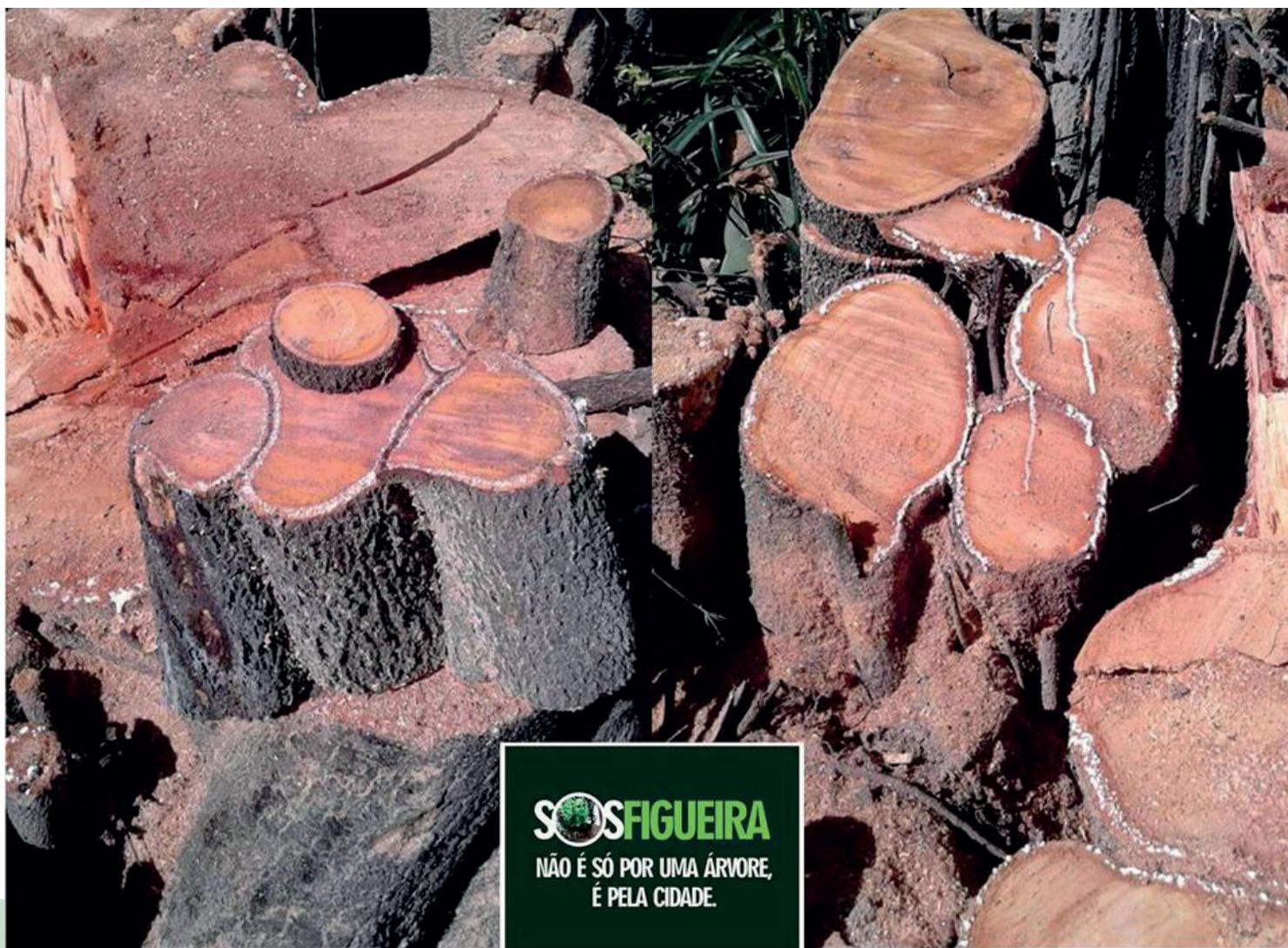
O presidente ainda explica que todas as podas de árvores no município passam pela avaliação e aprovação da entidade. Porém, neste caso, a Fundação apenas cumpriu o que foi exigido no Termo de Ajustamento de Conduta.”

Nas redes, vários movimentos foram criados em apoio à manutenção da árvore. A rede Minha Blumenau lançou uma campanha no aplicativo Painel de Pressão. O pedido era para o secretário de Planejamento, Juliano Gonçalves e para o presidente da Faema, Fernando Leite, impedirem o corte:

“Em nome de uma cidade para as pessoas e demais seres que co-habitam nossa cidade, solicitamos que a árvore permaneça viva, que seja descartado o corte e que soluções inteligentes que vão ao encontro com o cuidado do planeta sejam tomadas em nome das pessoas.

Construir e gerir uma cidade que cuida, zela e prioriza pessoas é também integrar e preservar o que ainda resiste de natureza. Em uma cidade (em um planeta) que se aquece cada vez mais a cada dia, árvores devem ser sagradas e cada vez mais cultivadas. Nós precisamos delas. Precisamos inclusive repensar os espaços um tanto desiguais que compartilhamos nos centros urbanos. Esta figueira histórica no seio da cidade merece respiro integrado com convívio entre as pessoas (pedestres, cadeirantes, pedalantes de todas idades).

Pela vida da figueira, por uma cidade mais verde, fresca e humana. Sugerimos que a solução deste impasse seja pensada de forma participativa e colaborativa, onde possamos construir juntos e juntas uma cidade para as pessoas.”



Que cidade é essa que ocorre uma mega operação policial para cortar uma árvore?

Que cidade é essa onde um MURO é construído para impedir que pessoas se manifestem?

Que cidade é essa em que uma promotora que cuida da Mobilidade Urbana se esforça tanto para tirar uma árvore do caminho de uma calçada, mesmo havendo uma outra solução?

Que cidade é essa em que a vontade de uma promotora fica acima de todos e nenhuma autoridade tem coragem para peitá-la?

Que cidade é essa que uma figueira de 45 anos atrapalha o trânsito e um poste de uma calçada minúscula,

onde não passa ninguém, é ignorado?

Que cidade é essa onde uma mobilização como a vista em defesa da figueira é completamente ignorada pelas autoridades?

A mobilização vista em torno da Figueira não é novidade. É a mesma mobilização vista para recuperar áreas de lazer abandonadas pelo poder público, em defesa da Prainha, da Rota de Lazer, por uma cidade mais humana, plural.

E as autoridades responsáveis pelo corte da figueira? Irão fazer a mesma mobilização para exigir calçadas acessíveis em todas as ruas?

OS ESTRANHAMENTOS DE UM BAIANO EM BLUMENAU

A percepção e as experiências de um jovem baiano na cidade e o processo de reconhecimento de sua identidade negra, no chamado “Vale Europeu”

POR ROOSEVELT OFARINDE BARBOSA

Estudante de Publicidade e Propaganda

<rooseveltdossantos@hotmail.com>

Estava eu de malas prontas saindo de Salvador-Bahia em junho de 2010, em direção ao desconhecido “novo mundo” chamado Blumenau. Era inverno e, apesar de estar chovendo, fazia muito calor na capital baiana, como de costume. Lembro-me da roupa que estava usando naquele dia: calça jeans e uma camiseta de manga curta da Capoeira do Mestre Angola. Me despedi da minha Mãe, Dona Lúcia, recebi suas bênçãos e lá fui eu de avião sem nem saber o que me esperava.

Ao chegar fui calorosamente recebido pelo frio de dois graus no aeroporto da cidade de Curitiba. Ainda acalorado pelo frio, parti em direção a rodoviária para pegar o ônibus que me levaria ao acaso, mas naquele dia o destino me proporcionara uma surpresa, pois estava certo que encontraria meu padrinho, Jelson, e juntos iríamos para Blumenau, porém, nada disso aconteceu. Lá estava eu, somente com os trajes de um bom baiano e sem dinheiro no bolso para me abrigar em um hotel quentinho; me abriguei em um dos bancos da rodoviária e lá passei a noite mais infernal da minha baiana vida. Neste dia tive a certeza que o inferno não era quente como é apresentado na televisão e sim, frio, MUITO frio!

O dia amanheceu, frio por sinal, e tive a ideia de entrar em contato com um mestre de Capoeira que morava em Prudentópolis (PR) e ele prontamente me concedeu a passagem, e lá fui eu para Blumenau. Ao chegar fui recebido pelo meu padrinho e pelo Mestre Trovão, dois baianos familiarizados com o frio infernal. Pela janela do carro eu olhava com admiração as arquiteturas em enxaimel e a forma como as pessoas estavam vestidas, parecendo que estavam indo para uma festa grã-fina, mas logo me acostumei com a garbosidade blumenauense.

Ao me situar na cidade, fui em busca de emprego, mas, sem muito sucesso. Na época, eu trabalhava com fotografia, edição de imagem e redação publicitária, mas meu currículo não era o bastante para ser admitido. Acredito que meu forte sotaque nordestino e a estética afrodescendente (dreads e roupas étnicas) causaram espanto nos “empregadores conservadores”, fazendo com que olhassem apenas para o externo do meu corpo “Negro marginalizado”, esquecendo da minha formação profissional e das minhas competências para exercer o trabalho. Demorei a encontrar, mas quando encontrei, fui “orientado” a cortar o meu cabelo pois não se encaixava com a postura de um fotógrafo, e eu cedi.

No primeiro momento fiquei feliz pelo emprego e fui à procura de onde cortar as madeixas; entrei no primeiro “salão” da rua 2 de setembro e ao chegar fui recebido por um senhor, típico blumenauense, com um olhar de poucos amigos; me sentei e esperei, pois eu era o próximo...

Chegando a minha vez o senhor com olhar de reprovação me indagou: negrinho! Vai cortar essa cabeleira ou não? E lá fui eu! Quando sentei na cadeira e o senhor começou a cortar meu cabelo, me senti como um escravo capturado pelos colonizadores, um vassalo que necessitava de um favor do seu senhor feudal e por isso tinha que se submeter a tamanha brutalidade. Você pode até pensar: era só um cabelo! Mas naquele momento eu perdia mais que minha identidade afrodescendente, deixava para trás toda mística que compunha minhas ideologias e religiosidade. E vale ressaltar que no processo escravista os negros quando capturados eram-lhes tirados toda e qualquer forma que lhes conferisse identificar se era dessa ou daquela tribo, a fim de igualar todos em um só conceito: Escravos (coisas). E lá estava eu de cabelo cortado, colonizado aos moldes blumenauense.

No primeiro dia de trabalho aprendi o que era “baianada”. Um preconceituoso estereótipo rotulado naqueles/as que cometem algum erro ou infração no trânsito e afins. Para mim foi uma trágica surpresa! E cheguei à conclusão de como nós, baianos, somos relacionados com desrespeito. Não me calei. Perguntei de imediato ao “patrão” o porquê de tal infração ser configurada como “baianada”? E ele de pronto me respondeu: Se os baianos são burros e preguiçosos! Naquele momento foi como se o mundo estivesse em movimento e somente eu estivesse em pau-

se refletindo sobre a asneira que tinha escutado daquele senhor. Neste dia fui para casa bastante pensativo e o sono custou a vir.

Em outro episódio, fui contratado como fotógrafo auxiliar para cobrir um casamento na cidade de Pomerode. Terno preto e gravata, tudo nos conformes da profissão, lá estava eu. Como práxis chegamos duas horas antes do evento para acertar as posições de cada profissional, tudo certo até aí. Os convidados começaram a chegar e lá estava eu cumprindo com o meu trabalho até chegar a mãe da noiva e me ver posicionado no altar. De repente, a senhora não negra começou a falar em um idioma miscigenado de Brasil com qualquer outra língua: NECRA NO ALTAR NON! NECRA NO ALTAR NON! Como eu não entendi o que a senhora estava falando, continuei o meu trabalho, mas sem muito sucesso, pois logo o “patrão” me chamou em um canto, pagou pelo meu serviço e pediu que eu voltasse para casa, por conta da represália por parte da mãe da noiva, que não aceitava um Negro no altar a fotografar o momento de felicidade da família. Este dia eu confesso que chorei. Não somente pela descabida situação vivida, mas sim por me sentir sozinho. Naquele momento, dentro da igreja de denominação luterana, não teve uma alma a se sensibilizar com o preconceituoso ato daquela senhora e, ao voltar para casa me perguntei: quantas pessoas já viveram ou iriam viver a mesma descabida situação? E o que eu poderia fazer para minimizar essa triste realidade?

Desde então decidi manter a resistência e não aceitar mais viver nenhum constrangimento racista. Entretanto, somente o meu empoderamento não foi o bastante. Depois deste fato ocorrido em Pomerode, eu já vivi outros episódios da mesma natureza: já me relacionei com uma mulher de pressuposta família germânica que, ao me conhecer na noite de natal disse para a filha: nascer pobre não é pecado mas, casar com um Negro Pobre é burrice. Depois deste dia, rompemos com a relação.

O curioso disso tudo é, como estranhamente somos tratados. Quando eu morava na Bahia nunca fui chamado de: baiano, Nego, preguiçoso e outros apelidos que somos rotulados durante o processo de inserção no meio social blumenauense.

Mas a Negra Blumenau não me apresenta só vivência e experiências ruins (aprendizados)! Aqui, eu me reconheci um Negro, pois na Bahia eu era apenas um rapaz latino americano sem dinheiro no banco e sem parentes importantes. Aqui, estou em um processo dinâmico de construção de uma sólida família religiosa, artística, educacional e cultural (O Templo Ilê Awô Obatalá e o Instituto Ilê), um dos poucos polos de resistência Afrodescendentes que mantêm firmemente a chama da NEGRITUDE, levando conhecimento sobre a esquecida, porém com vida, origem do povo negro, a fim de [ré] conceituar e trazer à tona a verdadeira miscigenada sociedade blumenauense. Nesse grupo de construção familiar, temos personagens de todos os cantos do Brasil, se unindo para trazer a cor e a consciência da Negra Blumenau: Sacerdotes das religiões afrodescendentes, músicos, artistas, professores, formadores de opinião e comunidade em geral, juntos, trabalhando a fim de uma Blumenau inclusiva, solidária e democrática, buscando elevar a autoestima da população que se encontra maquiada por detrás dos morros. Mas como diz um dito popular da Bahia – “Tudo depende do grau da lente que você usa para enxergar a sua vida”, e assim, seguimos na Resistência e Resiliência, olhando sempre com estranheza o descaso que vive a comunidade Negra e periférica da cidade e, desse modo, vou seguindo africanamente os estranhamentos de um baiano no Brasil Blumenauense com muito Asé!

“

O curioso disso tudo é, como estranhamente somos tratados. Quando eu morava na Bahia nunca fui chamado de: baiano, Nego, preguiçoso e outros apelidos que somos rotulados durante o processo de inserção no meio social blumenauense.

“PARECE QUE O SISTEMA NÃO CRÊ MUITO EM BENS IMATERIAIS”

A opinião é de Pita Belli, professora do Departamento de Artes da FURB, por quase 20 anos envolvida de alguma forma na organização do Festival Internacional de Teatro Universitário de Blumenau, que se despede este ano do cargo de coordenadora do FITUB e deixa saudades

POR MAGALI MOSER

Jornalista <magali.moser@gmail.com>

Ela quase se tornou um símbolo do Festival Internacional de Teatro Universitário de Blumenau. Envolvida na organização do FITUB há quase 20 anos, sendo 15 deles na coordenação, Patrícia de Borba, a Pita Belli, testemunhou várias metamorfoses. Do evento e dela própria.

Em entrevistas à imprensa, nos bastidores da programação, na busca pela solução dos imprevistos de última hora, lá estava Pita se desdobrando para que tudo saísse dentro do esperado. A cada abertura do festival, ela dava as boas-vindas à plateia, em discursos geralmente carregados de emoção e entrega, após dias de trabalho sem parar. Apesar de reconhecer a descrença do sistema na cultura, não se deixa abater pelas dificuldades de apoio. Quando as cortinas se abriram para a 29ª edição do evento, na noite de 7 de julho, a professora do Departamento de Artes da FURB viveu um momento especial: seu último ano à frente da coordenação, que passará a ser feita por Fabio Hostert, bacharel com licenciatura para

Interpretação Teatral no curso de Artes. Mas Pita promete se distanciar apenas das atividades burocráticas.

Os estudantes já sentem falta de Pita. Aluna do primeiro semestre do curso do Teatro da FURB, Rafaela Fischer, 20 anos, não escondeu as lágrimas na homenagem de despedida para a professora, final do semestre. “Pita não foca só nas nossas questões práticas do teatro. Ela ensina que o teatro é um todo, político e social. Ela nos instiga a pensar e ter uma visão diferente. É muito provocativa e nos desperta de várias maneiras. Eu me emocionei não pelo fato de ela estar saindo, mas com a falta que ela fará no dia-a-dia. Eu chorei por isso”, comentou a estudante.

Na entrevista concedida por Pita ao *Expressão Universitária*, final do mês de junho, a professora fala sobre sua trajetória e envolvimento com o FITUB, o cenário para o teatro na cidade e o futuro do festival. Entre cenários nebulosos do por vir, depois de uma vida dedicada ao teatro, uma única certeza: não se afastar dos palcos. Peri

Expressão Universitária - Como foi seu ingresso na coordenação do FITUB? De que forma avalia o período frente do festival e o que ele significa para o contexto cultural blumenauense?

Pita Belli - Em 1997 iniciei minhas atividades na FURB como docente do Curso de Teatro. Residia ainda em Curitiba e vinha toda semana para trabalhar. Nos três anos seguintes, atuei junto à equipe de organização do FITUB, a convite da professora Noemi Kellermann, na ocasião chefe da então Divisão de Promoções Culturais. Ao final desse período, a professora Rute Zendron, que era coordenadora do festival, expressou o desejo de sair da função e me indicou para ficar em seu lugar. A sugestão foi acatada, tendo em vista meu envolvimento com a organização. Lembro que na minha primeira coordenação eu praticamente não dormia, preocupada com o andamento de todas as ações. Foi uma grande experiência.

Expressão - Podemos dividir o festival em fases? Como você classificaria essas fases?

Pita - Penso que o festival, ao longo de sua história, foi sempre tendo algumas alterações. Isso pode ter se dado tanto pelas características próprias de cada coordenadora, ou pelas demandas que se apresentam a cada ano. Mas não creio que possamos dividir em fases. Penso que houve uma constante atualização.

Expressão - O FITUB pode ser considerado o maior evento cultural de Blumenau?

Pita - Creio que possa ser considerado o maior evento artístico cultural, não só pelo público que abarca em vários locais da cidade e região, mas também pela diversidade em sua programação. São muitas as ações que compõem a programação.

Expressão - Nesse período à frente do FITUB, qual foi o momento mais emocionante para você?

Pita - Foram muitos os momentos emocionantes. Isso daria um enorme capítulo à parte. Mas o que mais me emociona, a cada edição, é a dedicação da equipe de trabalho. Um verdadeiro time, composto por algumas pessoas que nele atuam desde seus primórdios, e uma grande parcela de jovens animados em compartilhar conhecimentos e culturas tão distintas. Todos comprometidos em fazer um belíssimo festival.

Expressão - Se está consagrado no calendário cultural de eventos regional, por que a realização do FITUB ainda esbarra na questão da falta de verbas?

Pita - A pergunta de um milhão de dólares. É bom lembrar que não é só o FITUB que esbarra nessa questão. Praticamente todos os festivais de teatro do Brasil, e são muitos, lutam para que cada edição possa acontecer. Neste ano, por exemplo, não teremos a edição do Festival Isnard Azevedo, de Florianópolis por falta de recursos financeiros. Isso após 22 anos consecutivos de realização. Mas, parece que o sistema em que vivemos não crê muito nos bens imateriais.

Expressão - Em 29 anos, o FITUB deixou de ser realizado em apenas um ano (em 2009, quando foi criado o Nosso Inverno). O impacto negativo da não realização do evento aquele ano contribuiu para valorizar o festival? SEGUE->

Pita - Penso que pode ter havido, na ocasião, uma maior atenção, por parte da comunidade local, para com o festival. No entanto, o que o consagra, creio mesmo que seja sua própria trajetória ao longo de suas 28 edições. Por isso mesmo é

FOTO: DANIEL ZIMMERMANN



“

Creio que possa ser considerado o maior evento artístico cultural, não só pelo público que abarca em vários locais da cidade e região, mas também pela diversidade em sua programação. São muitas as ações que compõem a programação.

OS ESPETÁCULOS SELECIONADOS

- 1) 19:45! — Centro de Formação Artística e Tecnológica – CEFART – Belo Horizonte – MG;
 - 2) AOS QUE VIERAM ANTES DE NÓS – Universidade de São Paulo – USP – São Paulo/SP;
 - 3) CORPUS, área de silêncio – Universidade de São Paulo – USP – São Paulo/SP;
 - 4) Isso é um convite – Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ – Rio de Janeiro/RJ;
 - 5) P's – Universidade Federal do Rio Grande do Norte - Caicó /RN;
 - 6) Rasgue minhas cartas – Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC – Florianópolis/SC;
 - 7) TITUS FÚRIA – Universidade Estadual de Campinas – Unicamp – Campinas/SP;
 - 8) Zeca de uma cesta só – Universidade Federal do Pará - Belém/PA;
- e os suplentes, em ordem alfabética, que serão chamados em caso de desistência de algum dos indicados e de acordo com a necessidade de utilização dos espaços do festival: 1) B I R D – Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ – Rio de Janeiro/RJ; 2) HELENA VADIA Universidade Estadual de Campinas – Unicamp – Campinas/SP; 3) Nada menos que muito – Escola Estadual de Teatro Martins Pena – Rio de Janeiro/RJ; 4) O ORGANISMO – Universidade Federal do Acre – Rio Branco/AC; 5) Volvere Vento – Escola Superior de Artes Célia Helena – São Paulo/SP.

A Comissão indicou para a Mostra Paschoal Carlos Magno – Universitária Ibero-Americana os seguintes espetáculos:

- 1) CHICOS, chicos – Escuela Metropolitana de Arte Dramático - EMAD – Isidro Casanova – Província de Buenos Aires – Argentina
- 2) Internas – Universidad del Salvador – Buenos Aires/Argentina ;
- 3) La ciudad, desde lejos – Universidad Nacional de las Artes – UNA – Buenos Aires – Argentina;
- 4) Los que fueran a la fiesta (Opereta) – Universidad Nacional de las Artes – UNA – Buenos Aires – Argentina.

A Comissão resolveu, ainda, indicar o espetáculo Esparro, da Escola Livre de Teatro de Santo André, São Paulo, como representante do trabalho realizado pelas Escolas Livres de Teatro, para compor a grade de programação do 29º FITUB. A programação completa pode ser acessada no link <http://www.furb.br/fitub>

que aconteceram as manifestações.

Expressão - O FITUB representa um impacto também para a formação de novas plateias e novos atores na região. De que maneira observa esse fenômeno?

Pita - Uma coisa interessante que tenho observado no público Blumenauense de teatro é sua disponibilidade para as mais diversas formas de teatro. É um público aberto a novas experiências artísticas. Penso que isso é um reflexo do festival que, por ser universitário, sempre apresenta uma variedade grande de pesquisas e formatos teatrais. Isso também parece se refletir na formação dos atores da região.

Expressão - Sua presença à frente do FITUB imprimiu uma marca forte ao Festival. Para quem acompanha o Festival, é difícil pensá-lo sem imaginar a professora Pita nas ações de coordenação. Está confirmado, será seu último ano na coordenação do FITUB? Quais os planos de Pita para depois?

Pita - Continuar com muito teatro em minha vida, e menos atividades burocráticas.

Expressão - Uma das ações mais expressivas do Festival é a descentralização do teatro, com a promoção de peças em espaços públicos, como escolas, terminais urbanos, asilos. A programação da Mostra Palco Sobre Rodas se notabilizou por este trabalho ao longo da realização do FITUB. Por que não se mantém essas iniciativas durante o ano?

Pita - Bem, se pensarmos que a cada ano encontramos muitas dificuldades no que concerne ao financiamento do festival, que é um grande evento e que prevê um retorno de mídia, podemos imaginar a dificuldade para sensibilizar os possíveis

patrocinadores para eventos menores. Vale lembrar que a arte é o trabalho do artista, sua obra e sua sobrevivência. E, para levar aos cidadãos arte a preços populares ou gratuitamente, é necessário que os projetos contem com patrocínio.

Expressão - Sabemos que o FITUB é uma vitrine e carrega importância significativa para estudantes do curso de Artes Cênicas da FURB, no quesito ensino e pesquisa. De que forma você avalia essa relação?

Pita - É visível que muitos alunos nos procuram após viverem a experiência em nosso festival. Por outro lado, para os já alunos, a participação é parte fundamental de sua formação. Até mesmo porque, nos oito dias em que acontece o festival, são muitas as ações formativas, o que enriquece sobremaneira sua trajetória de aprendizados.



16º Festival Universitário de Teatro de Blumenau. Palco Sobre Rodas – Espetáculo: Histórias de Amor. Grupo: Menestrel Faze-Dô, Lages - SC. Local: Asilo São Simeão. Data: 06/07/2002. Acervo: Centro de Memória Universitária – CMU/Arquivo da FURB.

20º Festival Universitário de Teatro de Blumenau. Mostra Universitária - Espetáculo: Decameron - Caos Cia. de Teatro – UNICAMP - SP. Local: Conjunto Educacional Pedro II. Data: 10/07/2006. Fotógrafo: Rogério Pires.



PROGRAMA DE EXTENSÃO DA FURB AUXILIA NA EDUCAÇÃO FINANCEIRA

Atividades incluem orientações sobre como lidar com os orçamentos doméstico e empresarial, além de contemplar produção de material pedagógico a ser usado pelos alunos do Ensino Fundamental de Blumenau.

POR LUIZ GUILHERME ANTONELLO

Estudante do curso de Jornalismo da FURB e estagiário do SINSEPES <guilhermee.antonello@gmail.com>

Prestes a completar dois anos de existência em dezembro de 2016, o projeto de extensão “Contribuindo na Gestão de Finanças”, do curso de Economia da Universidade Regional de Blumenau (FURB), prevê fortalecimento de ações, inclusive produção de material pedagógico destinado a alunos do Ensino Fundamental de Blumenau, para o início de 2017. O programa auxilia pessoas físicas e jurídicas a organizarem suas finanças, por meio de consultoria financeira e palestras de economia, além de proporcionar experiências do mercado trabalho para os alunos do curso.

O material pedagógico trata-se de uma história em quadrinhos e faz parte do terceiro projeto do programa, o “Educação em Finanças”, que contribui na instrução de professores do Ensino Fundamental para que eles insiram a educação financeira em sala de aula. “Nós percebemos que se os jovens não tiverem uma educação financeira, eles vão cometer erros como a gente está observando no momento, no Brasil. Então, a necessidade na educação, de forma que a escola possa fazer isso”, diz o mestre e professor do Departamento de Economia da FURB, Sidney Silva, que elaborou o projeto de extensão com o apoio do professor Bruno Thiago Tomio, também membro do departamento.

Nas escolas, o professor Sidney passa o conteúdo relacionado à economia aos professores, que se responsabilizam em auxiliar os alunos. Para melhorar a experiência e a qualificação, o projeto de extensão prevê um material pedagógico para o primeiro semestre de 2017. “Iniciamos o projeto junto à Secretaria Municipal de Educação com três escolas, e a gente primeiramente fez o contato com os diretores, depois fizemos duas palestras em cada escola, com o objetivo de capacitar o professor, para que ele nos desse um *feeling* sobre a proposta de elaboração do material pedagógico”, expõe Sidney.

O material passou por uma fase de elaboração e planejamento de como ele será exposto para professor e aluno. Bolsista do projeto, Esther Suelen Lieskow, está diretamente ligada à produção do material. “Ela sugeriu de fazermos uma história em quadrinhos e o professor Bruno Tomio levou a gente a tomar a decisão de criar uma história, uma personagem em que a professora em uma sala de aula, todo em forma de diálogo rotineiro, mas cujo foco do ensino dessa professora a esses alunos é a educação financeira”, explica Sidney.

Após estudar os variados materiais pedagógicos que abordam o tema, constataram que todos estão relacionados ao Ensino Médio. Decidiu-se, então, montar um material para o Ensino Fundamental e começar tratando sobre o consumo de energia elétrica. “Começa o diálogo, e a professora vai instigar os alunos a pesquisarem sobre esse consumo em suas casas, através das contas. Aí passa para uma fase de entendimento da conta, para o aluno ter uma ideia de como é mensurado o gasto de energia, para ele ter uma dupla preocupação. Não só com o problema de produção e consumo, e o impacto ambiental, como também a redução dos gastos da família”, resume Sidney.

O material, juntamente com a educação financeira, proporciona um esclarecimento da conta, bem como o cálculo dela. Contudo, poderá ser utilizado de forma interdisciplinar, envolvendo um professor de Matemática e um de Língua Portuguesa, por exemplo.

Em sequência, será abordada a conta de água e o professor deverá usar materiais recicláveis, como a caixa de papelão, para que o aluno tenha ideia de quanto é o metro cúbico. Sucessivamente, a consultoria se divide na análise das despesas da casa, de habitação, de transporte e de saúde. A cada um, o aluno vai estudando, até ele chegar ao final da conta.

Por fim, é sugerida uma planilha para o aluno trabalhar. “Ainda vamos ver o êxito nas escolas com esse material”, finaliza Sidney.

SOBRE O PROGRAMA

Além do “Educação em Finanças”, o programa possui outros dois projetos. O primeiro chama-se “Cuidando do meu dinheiro” e atende pessoas físicas. “Muitas pessoas que atendemos nesse projeto, são as pessoas que normalmente estão desorganizadas com suas finanças pessoais. Sabe quanto é que ganha, mas não sabe quanto é que gasta, e aonde gasta”, conta o mestre e professor do Departamento de Economia da FURB, Sidney Silva.

O projeto atende pessoas físicas com variadas dificuldades financeiras. Segundo o acadêmico do 5º semestre de Economia e bolsista do programa, Johnny William Monteiro, os atendidos possuem rendas distintas. “Tanto pessoas com renda de R\$ 1.500,00, quanto pessoas que têm renda de R\$ 30 mil por mês, possuem problemas de endividamentos. Para ver que isso não é problema específico de uma classe só”, conta o bolsista.

Um das expectativas iniciais era que o projeto apenas atendesse pessoas na FURB. No entanto, viu-se necessário o acompanhamento de endividados até aos bancos para ajudar na negociação de dívidas. “Isso chamou muito a atenção da gente, dessas situações em que a pessoa não só está somente endividada, mas ela não tem a compreensão da dimensão dos juros cobrados no mercado, ela não tem dimensão da implicação jurídica de contratos. Em função desse desconhecimento vimos um abuso das instituições financeiras nos contratos, na maneira em que conduz o endividado”, conta o professor.

O “Solução em finanças para o bom empregador” é o segundo projeto do programa, e atende pessoas jurídicas em parceria com a AMPE - Associação das Microempresas, Empresas de Pequeno Porte e Empreendedores Individuais de Blumenau, e CDL - Câmara de Dirigentes Lojistas.

Muitas empresas em situação grave de endividamentos já foram atendidas e também acompanhadas pelo programa. Com os auxílios, o projeto já proporcionou grande alívio para muitos microempresários. “Depois do atendimento aqui, foi mudado o comportamento dessa pessoa que, em uma situação complicada e com pouca esperança no futuro, tomou um novo fôlego”, ressalta o professor Sidney Silva.

Johnny relembra de várias experiências desafiadoras para o projeto. “Houve casos de endividamento grave, que para sair desse tipo de problema a empresa levaria de três a cinco anos, se se organizasse bem e fosse quitando as dívidas aos poucos, conforme o caixa permitisse”, conta o bolsista. “Uma empresa no ramo de alimentos estava com dificuldades na formação de preço, vendiam marmitas e lanches, e o preço que estavam repassando aos clientes não cobria nem os custos”, recorda Johnny.

O projeto também tem a participação de professores de administração e contabilidade como voluntários, o que viabiliza atendimentos mais diversos.

Entre vários desafios, a empresa alimentícia Letuca, especializada na produção de alimentos saudáveis como biscoitos sem glúten e sem lactose, no Bairro da Velha, foi uma das atendidas. Mas por possuir uma boa organização financeira, o atendimento acabou focando na área comercial. “Foi uma das empresas que estava mais organizada, eles já tinham um sistema de organização de finanças, já utilizavam *software* de controle orçamentário e já tinham controle de custos. O atendimento foi mais voltado à estratégia de vendas”, relembra Johnny.

O fundador da Letuca, Leonardo Thiago Müller, costuma procurar várias consultorias financeiras para garantir o bom funcionamento da empresa. Com o projeto “Contribuindo na Gestão de Finanças”, Leonardo teve a oportunidade de proporcionar uma palestra sobre economia pessoal a seus funcionários. “Levamos todo pessoal na FURB, pessoal de chão de fábrica, auxiliar de produção, do escritório, ou seja, todos os 17 colaboradores da empresa. Temos funcionários com primeiro emprego e perfil bem jovem, tem o salário da categoria, e com ele já compra um celular, um iPhone, gasta com Tênis de marca. Essa palestra foi muito importante para gerar uma reflexão na nossa equipe”, elogia Leonardo.

O empresário também ressalta que esse tipo de projeto funciona como uma troca: os professores e alunos auxiliam as pessoas em casos financeiros, e em troca recebem a experiência.

“

Como vou lembrar-me de ter comido algo na cantina da FURB, chegar em casa e anotar? Mas se conseguir resultados através de um controle de planilha, e ser algo muito próximo à realidade dos gastos, pode-se comparar com a receita e fazer um planejamento. Ou seja, o primeiro passo é anotar.

Johnny foi o primeiro bolsista do projeto e já presenciou várias práticas da profissão. O acadêmico participa dos atendimentos, faz os agendamentos e os arquivamentos de dados, e também ensina os atendidos a utilizarem um *software* para controle das finanças. Além de Johnny, o programa atualmente conta com os bolsistas Esther Suelen Lieskow e Ricardo Antonio de Souza.

Após entrar no projeto, Johnny sentiu-se mais confiante na escolha de seu futuro profissional: a docência. “O contato com os professores e a experiência, ‘reavivou’ e deu um gás na vontade de seguir nessa carreira”, acrescenta Johnny.

DICAS PARA OS LEITORES

Em palestra para os funcionários da empresa Letuca, o professor da FURB e coordenador do programa de extensão “Contribuindo na Gestão de finanças”, Sidney Silva, aconselha a não gastar compulsoriamente, principalmente para os trabalhadores que estão no seu primeiro emprego, que normalmente compram celulares mais caros e automóveis.

De acordo com o bolsista do projeto de extensão, Johnny William Monteiro, os financiamentos (de imóveis e automóveis) são os problemas de vários atendidos, porém o cartão de crédito é o campeão das dores de cabeça. “Às vezes as pessoas pagam o mínimo do cartão de crédito e vai acumulando, o que torna uma bola de neve que no final torna-se uma dívida de R\$ 15 mil, R\$ 20 mil e R\$ 30 mil”, revela Johnny.

O projeto visa à organização dos orçamentos domésticos e pessoais e principalmente à educação financeira. Quando elaborados, o professor diz que não é necessário ter uma precisão cirúrgica. “Como vou lembrar-me de ter comido algo na cantina da FURB, chegar em casa e anotar? Mas se conseguir resultados através de um controle de planilha, e ser algo muito próximo à realidade dos gastos, pode-se comparar com a receita e fazer um planejamento. Ou seja, o primeiro passo é anotar. Nós oferecemos, aqui, planilha de fácil acesso tanto a aplicativos, como planilha Excel, que é de fácil organização”, conta Sidney.

De acordo com o professor de Economia, é necessário ter disciplina e não apenas a vontade. “Você terá que recolher as notas de posto de gasolina, padaria, açougue de supermercado para poder fazer esse controle e, disciplinadamente, alguma vez da semana, ou de preferência todos os dias, sentar-se na frente de um computador, ou mesmo fazer com o papel e caneta, e ir anotando. A pessoa vai tomando consciência para onde vai o dinheiro, pois ao final do mês pensa-se “paguei tudo, mas não sei o que paguei. Com a planilha você toma consciência de onde foi seu gasto, e se quiser fazer uma poupança, ou ter uma sobra no final do mês, você começa a administrar esses gastos, começa a ter um compor-

tamento de consumo diferente”, expõe o professor.

A segunda dica é perceber o seu comportamento de consumo. Se ele é exagerado: consumindo coisas que não são necessárias, se o consumo é emocional. “Viu uma TV que gostaria de ter, não



é nesse momento que se deve tomar essa decisão, que deve ser por vias racionais, neutralizando um pouco essa emoção”, conclui Sidney.

O projeto está aberto a todos, tanto servidores e alunos da universidade, quanto pessoas da comunidade em geral. Para marcar um atendimento, basta entrar em contato pelo e-mail do projeto, financas@furb.br, ou pelo telefone 3321-0481.

Reunião de apresentação do projeto, realizada na Escola Alice Thiele, no dia 07 de maio de 2015. Foto: Johnny William Monteiro

DICAS DE EDUCAÇÃO FINANCEIRA

- * Ter cautela com o cartão de crédito;
- * Estudar os financiamentos, antes de fazer;
 - * Anotar todos os gastos diários;
 - * Recolher notas;
- * Criar uma planilha, e alimentá-la com os dados anotados e recolhidos;
 - * Fazer uma poupança;
- * Analisar o seu comportamento de consumo;
 - * Procurar uma consultoria.

QUEM BRILHA É VOCÊ

Por Douglas Zunino, escritor e poeta

Estava andando despreocupadamente pelo centro da cidade. Passou um senhor de idade, com a barba mal feita, pensei, deve ser um trabalhador rural. Ao cruzarmos um pelo outro, ele estava na direção oposta, estatelou-se repentinamente no chão. Deve ter sofrido um ataque, pensei. Um guarda de trânsito aproximou-se, agachou-se e começou a conversar com o velho, que respondia:
— Há vários dias ouço essa voz da Rádio Guaracema!-confidenciou ele.
Explodi num riso. Essa tal Guaracema era uma rádio de gosto duvidoso e popularesco. Deitado, me olhou com ar de reprimenda, como se eu estivesse zombando, fazendo chacota de uma mensagem divina. Constrangido, olhei em redor e um carro passou e do lado do passageiro uma mulher gritou, apontando o dedo para mim:
— Rádio Guaracema, onde quem brilha é você!
O guarda levantou-se, com as mãos nos ouvidos, que vibravam e com a voz do locutor oficial:
— Rádio Guaracema! Onde quem brilha é você!- e saiu correndo num sobressalto exaltado.
Estava achando tudo muito esquisito e ouvi um barulho de multidão.
Aproximei-me do local. A turba estava colocada à frente da rádio, que ficava no 2º andar de um pequeno prédio.
— Rádio Guaracema! Onde quem brilha é você!- gritavam em uníssono.
O locutor estava na janela, estupefato. Eu o conhecia. Ele me fez um sinal, para que eu o esperasse. Avançou atravessando a multidão e quando chegou até a mim, suando em bicas, logo perguntou:
— O que está acontecendo?
— Eu não sei!

— Vamos tomar um café?
— Vamos!
— Será uma greve? Será uma manifestação política?
A multidão foi nos seguindo sonâmbula e lentamente. Entramos na lanchonete e a turba foi seguindo seu curso, reiterando o slogan:
— Rádio Guaracema! Onde quem brilha é você!
De repente dois se destacaram da multidão e começaram a vociferar um para o outro:
— Quem brilha é você!
— É você! É você!
Meu amigo fez um sinal para as atendentes, pedindo café. Uma disse:
— Rádio Guaracema!
A outra:
— Onde quem brilha é você!
Ele olhou estarecido para mim.
— O que está acontecendo?
— Não sei, talvez as ondas do rádio ou tua voz melíflua tenha invadido a mente das pessoas!- tentei especular e explicar.
— Será que elas vão se tornar agressivas e incontroláveis?
De repente a multidão parou, ouvindo sua voz e apontando o dedo:
— Rádio Guaracema! Onde quem brilha é você!
— Meu Deus! Está todo mundo ficando louco? Será que devo fugir da cidade? Será uma conspiração de uma seita secreta ou de alienígenas? Ou as duas? Será um vírus mental inoculado por eles?
Foi quando me voltei para ele e com a voz melíflua apontei o dedo:
— Rádio Guaracema! Onde quem brilha é você!

CONTO

Expressão Universitária
Julho/2016

O autor inspirou-se no filme Os Invasores de Corpos, protagonizado por Donald Schusterland

TEATRO E POLÍTICAS PÚBLICAS: ESTRUTURANDO HIERARQUIAS, BUROCRATIZANDO A PRODUÇÃO TEATRAL

POR MÁRCIO JOSÉ CUBIAK

Graduado em Ciências Sociais (FURB) e mestre em Sociologia (UFPR) <marciocubiak@gmail.com>

Com o Estado Novo em 1937, foi criado o Serviço Nacional de Teatro, uma instituição que perdurou até os anos 1980, responsável pelo segmento, dando início a uma forte competição entre instituições e agentes distintos e desiguais em termos de capitais pelos escassos recursos e políticas públicas. Quais as dimensões dessa intensa relação entre a prática teatral e as políticas e ações estatais? Que tipo de relação essa estruturação de políticas e ações estatais estimulam no interior da prática teatral?

AS DIMENSÕES DA INTERVENÇÃO ESTATAL

A ação estatal não fica restrita ao subsídio financeiro. Seria simplismo. As relações são mais complexas. Nosso trabalho identificou quatro tipos principais de ações e políticas públicas. Caracterizamos quatro tipos essenciais de políticas e ações estatais.

As Políticas de subvenções e incentivos são aquelas que envolvem subsídios financeiros, diretos ou indiretos, de incentivo a circuitos do subcampo teatral em específico e atendimento de demandas. Em geral, coordenadas pelo Ministério da Cultura e suas instituições vinculadas, incluem a construção de teatros, a renovação de equipamentos, o financiamento de festivais e escolas de teatro, o subsídios de projetos de grupos teatrais direta ou indiretamente. Até o final da década de 1980, a instituição federal responsável por tais subvenções e incentivos era o Serviço Nacional do Teatro, vinculado ao Ministério da Educação e Cultura. Atualmente, é a FUNARTE. Porém, desde os anos 1990, com o advento da Lei Rouanet, o Estado vem reduzindo sua ação nesse conjunto, repassando indiretamente ao mercado a decisão sobre tais produções.

As Políticas pedagógicas e profissionalizantes referem-se às políticas públicas e a arcabouço jurídico-estatal que atendem a reservas de mercado profissional e acadêmico, tendo o poder de definir legalmente quem é artista, seu trabalho, a formação necessária para tornar-se um, os conteúdos consagrados, etc. É do interesse do Estado mediar essas lutas que se dão em nome da pretensão à ortodoxia, quer dizer, ao monopólio da legitimidade artística. Aqui temos a presença do Estado com a criação de leis que regulam a profissão, o título acadêmico, os conteúdos legítimos de transmissão, o currículo escolar.

As Políticas de licença ou censura e as mais recentes são recorrentes na história brasileira, sob a forma de uma censura multidimensional sobre artistas, obras e conteúdos ou, mais recentemente, assumindo um caráter de direitos autorais e de propriedade intelectual. As licenças indicam formas de controle observadas principalmente na prática teatral de agentes mais profissionalizados, inseridos nos mercados culturais.

As Políticas de participação social e atendimento de demandas estão voltadas a abrir canais de diálogo, participação e representação social e política dos agentes artísticos e culturais envolvidos e o campo estatal. O objeto de disputa é o alargamento das fronteiras e limites do cultural e, também, pela consolidação de subcampos artísticos.

HIERARQUIAS E BUROCRATIZAÇÕES

Para acessar tais políticas promovidas pelo Estado (seja através do Ministério da Cultura ou de instituições estaduais ou municipais) os proponentes devem preencher os critérios diversos, alguns sem relação direta com o teatro. Porém, esses recursos são elementares para o mercado cultural do teatro que envolve

nosso grupos. É quando as políticas públicas podem ser encaradas como uma interferência direta no espaço de possibilidades dos agentes implicados seja positiva ou negativamente, operando sobre a distribuição de recursos e de poder no campo cultural. Porém, como indicou Michel de Certeau (2003) as instituições públicas obedecem a um duplo jogo na qual a fachada é de um organismo público, mas “o poder que nelas reside pertence a grupos sociais que se estabelecem como os proprietários da inovação e a trustes que monopolizam seus meios”.

Combinado nosso atual contexto onde grupos e agentes artísticos e culturais possuem uma dependência histórica em relação a essas políticas, essas mesmas acabam por apresentar-se como princípios de visão e di-visão do mundo (BOURDIEU, 1974). Os exemplos podem ser vários: a criação de cursos superiores em teatro em universidades públicas afetou os cursos livres, fundamentais para a formação das gerações anteriores ou; muito mais do que dedicar-se integralmente a produção teatral, os agentes devem disponibilizar, isto é, reduzir seu tempo de dedicação para realizar tarefas burocráticas, como inscrever projetos, realizar-se com prefeituras, vender espetáculos, recolher tributos e prestar contas.

Estar integrante de um grupo teatral (e da produção cultural e geral) é experimentar uma trajetória repleta de enredamentos e fricções entre o desejo individual e coletivo de expressar-se artisticamente e estratégias e táticas cotidianas voltadas a manter longamente esse desejo estimulado.

O foco principal ainda são as políticas públicas. A participação nesses jogos não é uma atividade simples. É necessário possuir certas qualidades e cumprir determinados requisitos. Em outras palavras, a conquista de prêmios no interior desses mercados depende dos capitais acumulados pelos interessados, na forma de um currículo extenso, da capacidade de criar e manter uma pessoa jurídica. Em suma, quem deseja incluir-se nesses espaços tem que ter reconhecimento dos pares do campo e estatal.

Por fim, a realidade é que o tamanho da demanda no campo de produção cultural brasileiro por políticas públicas – não restritas ao financiamento – não condiz com tímida e distanciada atuação política das esferas estatais. De certa forma, essa política cultural de financiamento a projetos culturais não estimula a sustentabilidade e permanência da ação incentivada no âmbito das práticas culturais, mesmo que periféricas. Podemos afirmar que há certa reprodução do ‘vício cultural’ público e privado aos eventos, naquele espírito de espontaneidade e falta de continuidade, sempre de curto prazo.

REFERÊNCIAS:

BOURDIEU, Pierre. Sobre o Estado: Cursos no Collège de France (1989-92). Edição de Patrick Champagne et al. Tradução de Rosa Freire d’Aguiar. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

_____. As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário. São Paulo, Cia. das Letras, 2002.

_____. O mercado dos bens simbólicos. In: A economia das trocas simbólicas. (org. Sérgio Miceli). São Paulo: Perspectiva, 1974. Pp. 99-181.

CERTEAU, Michel de. A Cultura no Plural. Campinas: Editora Papirus, 3ª edição, 2003.

GINZBURG, Carlo. CASTELNUOVO, Enrico. Castelnovo, “História da arte italiana, centro e periferia”, in GINZBURG, Carlo. A Micro-História e Outros Ensaios. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1991, p.05-118.

SOBRE PAPÉIS E PAPEIS

* Embora de pouco uso, a palavra papeis existe na língua portuguesa. É o verbo papar conjugado na 2ª pessoa do plural do presente do subjuntivo. Exemplo: Não permitirei que vós papeis todo o dinheiro da minha família.

POR OSIRIS DUARTE

Jornalista < osirisduarte@gmail.com >



Sempre procurei manter um respeito e ter uma compreensão com meus colegas de profissão que trabalham para as grandes empresas de mídia. Sei o quanto é dura a batalha para conseguir um emprego, tendo recursos para perseguir seus sonhos, sendo um jornalista no Brasil. Ganha-se mau e o jornalista é um cidadão com as mesmas necessidades que qualquer outro. Também nunca julguei nem polarizei ideologicamente ninguém, pois creio na liberdade do pensar e escolher das pessoas, mesmo quando me parece algo errôneo, mesmo quando

confronta com meus princípios e valores. O divergir, o lidar com a multiplicidades de olhares e opiniões faz parte do exercício crítico, do fazer jornalístico. Porém, neste momento que estamos vivendo, fico me perguntando como anda a cabeça e os corações dos que compõe a força de trabalho a serviço dessas empresas, cientes que são, pelo menos em algum nível, da responsabilidade que elas têm na manutenção de um contexto opressor, amparado por interesses que aviltam o próprio jornalismo e, pior ainda, o que há de mais humano dentro de nós.

O silêncio da grande mídia para com a violência dos fazendeiros do agronegócio contra os indígenas no Mato Grosso do Sul, o silêncio sobre as prisões e agressões de jovens secundaristas no Rio Grande do Sul e São Paulo, o silêncio sobre os inúmeros casos de corrupção que envolvem expoentes políticos e do empresariado de

determinados segmentos da sociedade, parece ainda não ter soado no senso ético de muitos colegas. O medo de perder o emprego, de não poder manter a vida que tem em termos de recursos e notoriedade, faz com que uma parcela significativa da categoria feche os olhos, fingindo que não cabe a ela tal luta. Não pretendo com esse comentário me fazer superior a ninguém. Minhas escolhas profissionais estão intimamente ligadas com minha condução de vida. Sempre defendi a ideia de que não existe imparcialidade nem mesmo isenção. Que o profissional de comunicação que se ampara nisso se ilude, ou por ingenuidade ou simplesmente por uma omissão conivente, que lhe garante o posto que ocupa. Sendo assim, desde a faculdade, sou parcial, mas sou claro com relação a de que ponto de vista que me expresso. Como um narra-

dor da história presente, o jornalista é um ator dentro da narrativa, interferindo com suas escolhas semânticas ou ideológicas, com sua bagagem de vida e sua interpretação dos fatos. Com transparência, isso é muito mais rico do que a ideia de distanciamento para poder ser justo no contar uma história, penso.

Alguns ainda alimentam a forma romanceada do jornalista isento, que não se envolve com nada para poder contar uma história de um ponto de vista dito neutro, sem se “contaminar” com impressões ou vieses. Como se isso fosse possível para nós, seres humanos, sempre tão afetados uns pelos outros, cotidianamente. Seja no seio familiar, sob os valores que fomos criados, seja pelo contexto e ambiente da redação onde trabalhamos, seja pelo clima do bairro onde moramos ou pela influência na sua construção como indivíduo que nossos amigos nos oferecem, o jornalista antes de ser jornalista é ser humano e cidadão, e está sempre sujeito a influências. Falar de neutralidade e negá-la em si, pois quando se considera neutro já se toma um partido, já nega a neutralidade por não ser transparente no que é. A melhor forma de neutralidade é a verdade, e isso inclui a verdade sobre nós mesmos. As técnicas de redação tentam criar uma cortina de fumaça, padronizando certas abordagens, criando formas para vender a imagem de neutralidade. Porém, sabemos muito bem que basta uma mudança de palavra em uma frase, basta uma associação aparentemente sutil com uma imagem, para que todo o sentido da abordagem seja mudado, distorcido.

Esse debate proposto aqui não é o centro da minha abordagem. O que venho desabafar é o aperto no meu coração sobre morte e vida da humanidade. Morre um pouco do nosso ser humano quando, seja por medo, por insegurança ou por puro reacionarismo, negamos a verdade em detrimento de dinheiro ou notoriedade. Sobreviver no mercado não é fácil, mas nossas vidas não podem ser vidas de produtos em prateleiras. Hoje, mais do que nunca na nossa história recente, faz-se necessária a participação e a resistência dos profissionais de comunicação frente as agressões a cidadania e a humanidade dos seres. O mesmo orgulho que demos pelo emprego que temos, pelo cargo que ocupamos, não pode se sobrepor ao orgulho de ser uma pessoa de verdade, que ama o próximo, que luta pela coexistência pacífica, por uma sociedade para todos os seres, mantendo a riqueza de nossa diversidade sem violentar a pluralidade, o livre arbítrio e a liberdade. Sempre quero crer na capacidade de todos sobre essa reflexão. Tenho colegas trabalhando em tudo quanto é veículo e não considero ninguém melhor do que ninguém. Mas espero, sinceramente, que mais do que o orgulho de vestir a camisa de uma empresa, os jornalistas, narradores de nossa história, tenham orgulho de vestir a camisa da humanidade.

“

O que venho desabafar é o aperto no meu coração sobre morte e vida da humanidade. Morre um pouco do nosso ser humano quando, seja por medo, por insegurança ou por puro reacionarismo, negamos a verdade em detrimento de dinheiro ou notoriedade. Sobreviver no mercado não é fácil, mas nossas vidas não podem ser vidas de produtos em prateleiras



CURTAS

ESPETÁCULO DA CIA CARONA DISPONIBILIZA INGRESSOS GRATUITOS

No dia 20 de agosto, às 19h, no Teatro Carlos Gomes, acontece o espetáculo "A Parte Doente". Pareceria entre a DAEX (Divisão de Apoio à Extensão) e CIA CARONA, a apresentação disponibilizará 180 ingressos gratuitos para a comunidade da FURB (Universidade Regional de Blumenau), e os acadêmicos também poderão

receber atestado de AACCC (Atividade Acadêmicas-Científico-Culturais), disponibilizados pela DAEX. Sinopse: Três universos aparentemente distantes. Um professor universitário reprimido. Uma mulher que tenta superar

suas carências através da reafirmação de sua beleza. Um médico obcecado com a purificação de si e do mundo. Na relação entre eles, exposta como um câncer no rosto, a busca por uma cura. Que seja pelo amor. Que seja pela ruptura com os valores. Que seja através da morte. A solidão é a força que move o bisturi contra a pele. Nesta ação mais do que a parte doente será removida. A peça é dirigida por Pépe Sedrez e a dramaturgia será com Gregory Haertel. Os atores Fábio Hostert, James Beck e Sabrina Moura estão no elenco.

5ª PARADA LGBT OCORRE EM JULHO

Acontece dia 24 de julho, domingo, a 5ª Parada do Orgulho LGBT de Blumenau. Organizado pelo Coletivo LGBT Liberdade, a parada tem início às 14h na Rua das Palmeiras. Visa a busca pelo respeito e igualdade e celebrar o orgulho e resiliência LGBT.

A manifestação é contra a misoginia, racismo e LGBTfobia (homofobia, bifobia, transfobia) e às 15h começará a marcha pela rua XV de Novembro até a Praça da Prefeitura.

RESULTADO DAS ELEIÇÕES PARA O NOVO MANDADO DO SINTRAFITE

Eleição para o novo mandato da diretoria do Sintrafite - Sindicato dos Trabalhadores Têxteis, de 2017 a 2021, resultou na nomeação da Chapa 1, "CHAPA DOS TÊXTEIS", para assumir o cargo. A apuração dos votos aconteceu no dia 29 de junho, e Vivian Kreutzfeld será a nova presidente da entidade.

A chapa foi eleita com 44,69% dos votos para assumir a direção do sindicato a partir de fevereiro de 2017.

Foram registrados 7788 votos: a Chapa 1 ganhou com 3481, com vitória em 27 urnas; Chapa 2 em cinco e Chapa 3 em duas, totalizando as 34 urnas. O número de votos brancos/nulos foi 457



FOTO: CRISTIANO PRIMM

MOSTRA DE TEATRO EMCENACATARINA TRAZ OS ESPETÁCULOS "UZ" E "FADAS" À FURB

Em 16 de julho será apresentado o espetáculo de comédia "UZ", no Galpão do Campus 1, às 18h30. A entrada é gratuita, e a classificação indicativa é de 14 anos. Na peça, os habitantes de UZ vivem em paz, guiados pelos ensinamentos da Igreja. Até que um dia, Grace, a mais virtuosa dentre as mulheres, escuta a voz de Deus. Ele ordena que ela mate um de seus filhos. Para cumprir sua sagrada missão ela não deixará pedra sobre pedra. Já no dia 17 de julho, acontece o espetáculo "Fadas", às 18h30 na sala S113, Bloco S, Câmpus 1. Fadas conta a história de uma menina que é recompensada com o dom de expelir diamantes através de suas palavras. Repleto de poesia e apropriando-se da linguagem do teatro de objetos, o espetáculo fala sobre escolhas, julgamentos e sonhos que constituem a trajetória da personagem, mas também de todas as pessoas. Sendo do gênero teatro de objetos, a peça tem classificação indicativa de 9 anos e entrada gratuita. Porém, os ingressos são limitados e devem ser retirados na central de atendimento do Sesc Blumenau, a partir do dia 10 de julho. O espetáculo "Tudo Passa", a terceira peça de teatro pela mostra, acontece no dia 18 de julho, às 14h, mas no Hotel Sesc em Blumenau. Na apresentação de Comédia/Teatro de Rua, a história começa com a apresentação do circo de pulgas Cambalache sendo interrompida por uma autoridade, que comunica um novo decreto onde os cachorros foram emancipados a figuras sagradas e qualquer ser que explore os cães são considerados foras da lei. Desta maneira, fica proibido circo de pulgas, bandas com pulgas, pulgas dos famosos e afins. A partir deste momento, o Sr. Cambalache fica sem suas pulgas, sem emprego e sem motivação. Muito tempo depois ele se encontra com uma palhaça andarilha que irá interferir profundamente no seu modo de viver. Com classificação indicativa livre, a entrada é gratuita.

ESCRITOR ARGENTINO LANÇA LIVRO NA FURB EM AGOSTO

O escritor argentino Luis Angel Ramil lança seu livro (em português) "Um de tantos", na FURB, dia 25 de agosto. O lançamento é uma promoção do Centro de Ciências Humanas, iniciativa do Curso de Jornalismo e fará parte da Semana de Ciências Sociais. Consistirá em uma palestra, vídeo, debate e autógrafos. O livro trata de memórias de quando ele tinha 17 anos e foi torturado pela ditadura argentina. A obra "desvenda os porões da ditadura argentina".

PRIMEIRA EDIÇÃO DO CLUBE DE LEITURA LEIA MULHERES ESTREIA EM AGOSTO

A primeira edição blumenauense do Clube de leitura Leia Mulheres acontece no dia 7 de agosto de 2016, domingo, na Biblioteca Sesc, às 16h. Iniciando com o debate "Americanah", da autora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie, o projeto tem intuito de ampliar a visibilidade das autoras mulheres em Blumenau. A ação conta com o apoio do Sesc e do Coletivo Feminista Casa da Mãe Joana. A iniciativa é da escritora britânica Joanna Walsh que iniciou em 2014 no twitter com a #ReadingWomen e se espalhou para vários lugares do mundo. No Brasil, 26 cidades já trabalham com os grupos de leitura direcionados também a promoção do mercado editorial às mulheres.



INSPIRAÇÃO

DAS MISÉRIAS HUMANAS

Por Ramon Lima,
estudante do quinto semestre de Ciências Sociais da FURB

Tem gente que sofre de miséria
E passa fome

Tem gente que sofre de miséria de pensamento e não sabe o que come

Tem gente que tem miséria e sente sede
E tem quem de miséria não sabe o que sente

De miséria real e verdadeira
E os que de miséria passam mal

Tem uma miséria que dói e outra que corrói
Uma é concreta, outra é do tipo ideal

Tem gente que de miséria passa fome
Tem gente que de miséria só consome

Uma não da pra esconder
Outros fazem questão de mostrar
Uns de pensamento
Outros por azar

Há quem diga que foi abolida
Há quem diga que acabou

Ou foi estendida para todos
Ou hoje ela virou show



JANDYR NASCIMENTO

JUVENTUDES DE BLUMENAU: NOSSO MOSAICO DE EXPERIÊNCIAS E A CIDADE QUE QUEREMOS

POR TAUANA PATRÍCIA BONSENHOR

Presidente do Conselho Municipal da Juventude

< tauanabonsenor@blumenau.sc.gov.br >

“Juventude” é um conceito complexo. Oscilamos entre estado de espírito e categoria taxativa. Discutimos elementos que vão do comportamento e o pensamento, com suas nuances e cores – até a faixa etária, sem nenhum mistério ou licença poética.

Mas uma coisa é certa: entre os extremos da liberdade e o desejo de emancipação, em um constante contraste entre todos os seus desejos e o limitado grupo de coisas que são convenientes, permitidas e possíveis, a juventude floresce. E é justamente nesse momento tão fértil, apesar da volatilidade de seus erros e acertos, que o jovem deve ser percebido também como um agente transformador do seu meio. Nem todo jovem é revolucionário ou idealista, é verdade, mas mesmo em seu âmbito individual ele é protagonista e tem voz, ainda que não saiba disso.

Vamos aos poucos. Apesar da complexidade, juventude é algo que se pode conceituar. Podemos partir da definição da Política Nacional de Juventude (2006), em que ser jovem “é estar imerso – por opção ou por origem – em uma multiplicidade de identidades, posições e vivências. Daí a importância do reconhecimento da existência de diversas juventudes no país, compondo um complexo mosaico de experiências que precisam ser valorizadas no sentido de se promover os direitos dos/das jovens”.

Nesse contexto e a título de representar as juventudes blumenauenses, o CMJ – Conselho Municipal da Juventude de Blumenau, instituído em julho de 2015, realizou um diagnóstico acerca do perfil destes jovens, com o objetivo de realizar um mapeamento de indicadores relevantes para sua vida, como Educação, Cultura, Esporte e Lazer, Empregabilidade, Combate às drogas e à Violência Urbana, e Mobilidade Urbana e Direito à Cidade.

De acordo com a pesquisa, chegamos a algumas conclusões interessantes. Se fôssemos personificar o jovem de Blumenau, por exemplo, como ele ou ela seria? Nossa resposta: mulher, 23 anos de idade, universitária, trabalhando em regime celetista, provavelmente no setor de comércio e serviços e morando com os pais em um pequeno núcleo familiar. E se essa

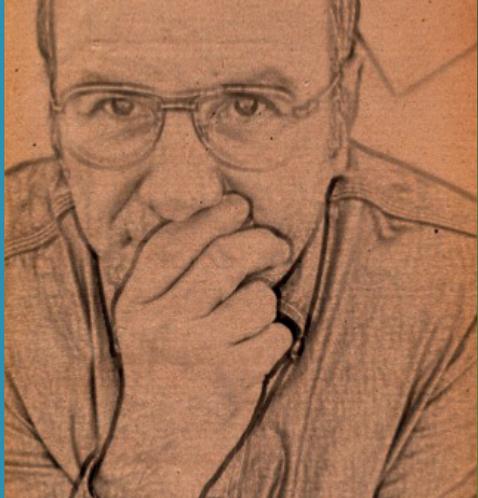
jovem tem um tempo livre, a pesquisa revela que ela está em um destes três lugares: na internet, em um shopping em alguma praia, parque ou praça.

Mas esse é só o começo. Aonde ir depois dessas primeiras conclusões? Queremos nos aproximar dos jovens blumenauenses, e entender suas vivências nesses temas. Queremos diálogo, olho no olho, e efetivamente escutar o jovem. Como esses dados e indicadores são percebidos e vividos em sua realidade? E quais soluções e cenários ideais o jovem imagina?

Estamos vindo a conhecer. O CMJ promoveu o Diálogos da Juventude II, no dia 29 de junho, às 19h30 no Cafundó Bar Cultural. Nossa intenção é aprofundar as discussões e debates nesse sentido que já começamos na primeira edição, realizada no dia 31 de maio, na FURB, no Galpão de Arquitetura e Urbanismo. Passo a passo, acreditamos que chegaremos ainda mais perto dos bairros e os locais pulsantes de juventudes, que são geradoras da cultura in loco, e evoluiremos nessa representação que já temos construído pouco a pouco.

Nosso objetivo, aliás, é que esses debates e informações nos levem de forma fundamentada aos debates e pleitos no 2º Encontro Municipal da Juventude, a ser realizado ainda nessa gestão do Conselho. Afinal, como o CMJ tem um papel principalmente de ouvir as juventudes e, com isso, representá-las, o desafio subjacente aos ciclos de diálogos é construir a Carta da Juventude Blumenauense, praticamente um manifesto ao poder público e à sociedade como um todo, para que abandonemos o paradigma de falta de representatividade e de o jovem não ser levado a sério. E estamos otimistas.

A caminhada do CMJ ainda é recente, mas ela há de acontecer à medida que os jovens participarem conosco com protagonismo nesse processo. Esperamos que este esforço conjunto contribua e inspire gestores públicos e o setor privado a (re)pensarem o uso dos espaços/equipamentos públicos para e com as juventudes, no sentido de efetivar uma sociedade blumenauense mais justa e inclusiva.



LADO B

O CADÁVER QUE NOS SORRI

R\$ 30 milhões é muito dinheiro. E, para a FURB, é ainda muito mais. Para se ter uma ideia do que isto significa, basta lembrar que representa 1/6 do orçamento atual. É muita coisa... Pois é quase este valor que a FURB deve aos servidores e a Caixa Econômica Federal. Ninguém sabe bem direito do que se trata, mas o Supremo Tribunal Federal mandou pagar. Diz que a dívida refere-se ao recolhimento de FGTS do período compreendido entre março de 1993 a março de 2001. Mais precisamente, o passivo gerado pelo imbróglio da transposição para o regime estatutário estabelecido pela Resolução nº 04/95.

A Resolução nº 04/95 foi aprovada dia 17 de abril de 1995 na gestão do Prof. Mércio Jacobsen. Esta resolução é uma das mais importantes da FURB porque estabelece uma mudança institucional. Com base no § 1 do artigo primeiro da Lei Complementar Municipal Nº 01/90 dispôs aos servidores do regime celetista da FURB passassem para condição jurídica-administrativa de estatutários. Portanto, transforma as condições de trabalho dos servidores da FURB e, assim, modifica o funcionamento da universidade. Quais foram as condições que tornaram possível e quais são as consequências da Resolução nº 04/95?

A história da Resolução nº 04/95 e suas consequências é meio rocambolesca. Porém, vale a pena percorrer para entender o estupor causado pela conta. Inicia no contexto de estabelecimento do Regime Próprio de Previdência Social (RPPS) previsto pelo Artigo 40 da Constituição Federal, passa pela transformação da FURB em uma universidade pública municipal, chega a decisão do Ministro Celso de Mello dia 15 de Março de 2016 e deve se estender por mais alguns anos, sabe-se lá quanto. Não é fácil reconstruir os meandros jurídicos, porém dois aspectos chamam atenção: a) o Pacto Político; b) Implicações Administrativas.

Por um lado, a Resolução nº 04/95 constitui um resultado do pacto político firmado com a criação da universidade em 1986. Com a criação da universidade, verifica-se um processo de expansão institucional e ampliação do corpo docente. Assim, durante a segunda metade da década de 1980, cristalizam-se dois grupos de interesses: a) os antigos professores ligados à fundação da universidade; b) os novos professores contratados com a criação de novos cursos. Neste sentido, a transposição para o regime estatutário atendia tanto aos antigos professores (aposentadoria integral) quanto aos novos (estabilidade funcional).

Por outro, até onde se sabe a Resolução nº 04/95 acabou incubando passivos trabalhistas. O primeiro diz respeito à falta de recolhimento do FGTS do conjunto de trabalhadores que não fizeram concurso durante o período de transposição entre 1993 e 2001, por entender que já se tratavam de funcionários públicos; o segundo refere à manutenção até o presente de um conjunto de servidores sem concurso – a dita “Lista de Schindler” – também sem recolhimento do FGTS. E, claro, tudo isto sem contar ainda com a questão da incidência de FGTS nos contratos administrativos dos servidores temporários.

De fato, os R\$ 30 milhões são uma bomba de efeito retardado que explodiu na FURB em um momento institucional muito delicado. Por isto, a gestão superior faz o que pode. E

no fim das contas não pode muita coisa... Afinal, não existe muito espaço de manobra administrativa. Mais precisamente, ou questiona ou paga! Neste sentido, destacam-se duas alternativas: a) a Fuga para frente: postergar o pagamento por meio de algum meandro jurídico; b) Pacto político interno: acordar com a comunidade acadêmica o esforço adicional necessário para o pagamento. Provavelmente, as duas. A questão é saber a dosagem.

É que o Memorando nº 066/2016/PROGEF conclui candidamente: “após 12 (doze) anos de discussão judicial, chegou-se a um entendimento definitivo sobre o tema”. E o encontro com a realidade é sempre dolorido. A realidade incomoda porque sabemos quem irá pagar a conta. Por que são sempre os mesmos pagam: a) Estudantes: com a precarização das condições de aprendizagem (a questão é saber o quanto poderá ser transferido para a mensalidade); b) os Servidores: com a precarização das condições de trabalho (a questão é saber quanto isto vai repercutir na reposição das perdas).

Por isto, a decisão do Ministro Celso de Mello e a notificação de recolhimento do FGTS provocaram uma forte comoção e até mesmo indignação. E lançaram dois tipos de questionamentos: a) o primeiro refere-se a responsabilidade do processo de tomada de decisão: a Resolução nº 04/95 foi pactuada pelo CONSAD e ratificada pelo CONSUNI. Portanto, de quem é a responsabilidade? b) o segundo diz respeito a questão moral: um gestor que tenha entrado na FURB sem concurso e que participou deste processo decisório e que se encontra aposentado pelo ISSBLU teria direito ao recolhimento do FGTS?

Mas o passivo trabalhista não é a única bomba de efeito retardado que pode explodir no colo dos servidores e estudantes. Talvez a maior e mais perigosa seja a bomba previdenciária. Com a transposição para o regime estatutário, a FURB foi obrigada a criar o Fundo de Previdência - Resolução 34/94. Até 2001 os servidores e a FURB alimentando o fundo quando foi criado o ISSBLU pela Lei Complementar nº 308 de 22/12/2000. Mais precisamente, para não sermos surpreendidos com um passivo previdenciário é preciso discutir tanto a solvência quanto a capacidade de incremento anual do aporte da FURB para o ISSBLU.

Agora, a luz dos R\$ 30 milhões dá de entender um pouco melhor duas questões relativas ao desenvolvimento institucional da FURB. A primeira diz respeito a excepcionalidade institucional da FURB: do sistema fundacional catarinense somente a FURB é uma fundação de direito público; a segunda, porque um grupo de professores se opôs terminantemente ao processo de Federalização da FURB: não seriam integrados na proposta de cessão dos funcionários. Fica a sensação amarga que a FURB foi apropriada por um grupo de funcionários que ser serviu do estatuto público para manutenção de seus interesses.

Portanto, a questão deixada pelos R\$ 30 milhões é a seguinte: como uma instituição que se ocupa da formação de administradores, de contadores e de advogados pode ter cometido tantas barbeiragens administrativas, contábeis e jurídicas como indicam o passivo trabalhista? Por isto, não dá para lamentar. Apenas se envergonhar... Afinal, as escolhas não tinham nada, absolutamente nada, de inevitável. Não foram as decisões mais racionais e lógicas, apenas as mais óbvias e convenientes. Como ensina aquele velho adágio weberiano: “boas intenções também possuem consequências negativas”.

Os R\$ 30 milhões são um cadáver que nos sorri. E possivelmente não é o único cadáver escondido no armário das decisões convenientes. Na verdade, esta dívida, como as outras, exprime a contradição estruturante da FURB: a oposição entre o orçamento público e o financiamento privado, criado pela Lei Complementar nº 80/95 e a Resolução nº 04/95. De todas essas idas e vindas administrativas e judiciais, a sensação que fica é que parece que incendiamos a casa para salvar os móveis... E diante da urgência da situação corremos o risco de perder também os móveis.

“

Como uma instituição que se ocupa da formação de administradores, de contadores e de advogados pode ter cometido tantas barbeiragens administrativas, contábeis e jurídicas como indicam o passivo trabalhista? Por isto, não dá para lamentar. Apenas se envergonhar... Afinal, as escolhas não tinham nada, absolutamente nada, de inevitável